

NOVEMBRO 2022

# PAULISTANA

200 ANOS DA  
INDEPENDÊNCIA POR  
UMA ÓPTICA DIFERENTE

ÁLBUM DA  
COPA  
VALE A PENA  
PAGAR PELA  
NOSTALGIA?

TASHA E TRACIE  
AS MENINAS QUE  
MUDARAM O RAP  
NACIONAL

COMO COMBINAR  
UMA CERVEJARIA  
ARTESANAL E UM  
RESTAURANTE DE  
DEFUMAÇÃO



# EXPEDIENTE

Esta produção acadêmica é o trabalho prático que integra a disciplina Práticas em Jornalismo: revista dos alunos do 6º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário FMU | FIAM-FAAM  
Vice-Presidência Acadêmica e de Inovação: Aline Alves de Andrade  
Vice-Presidência Acadêmica: Manuel Nabais da Furriela  
Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades: Fernando Albino Leme  
Coordenadora do Curso de Jornalismo e do Curso de Relações Públicas: Nicole Morihama

## **ORIENTADOR:**

**PROF DR. WILIAM PIANDO DOS SANTOS**

## **EQUIPE:**

### **EDITORA-CHEFE:**

**REBECCA ZAMPINI**

### **EDITORES DE ARTE:**

**MYLLENE JESUS  
E THOMAZ HENRIQUE DIONIZIO**

## **REDAÇÃO**

**ALAIDE SILVA  
ANA CAROLINA MOURA  
ARETHUSA MOL SEMMLER  
BEATRIZ COSTA RODRIGUEZ  
BIANCA DO AMARAL VILCHES  
CAMILLA SANTOS  
CAMILLY VAIRO  
CAMILLA SANTOS  
DANIEL CORDEIRO  
FABRICIO MAIA DE OLIVEIRA  
GUSTAVO MIRABELLI TUROLLA  
IGOR DE CARVALHO ULIANA  
LETÍCIA DOS SANTOS AMARAL  
LUANA DURÃES OLIVER  
MARINA FIOROTTI BARONI  
MAYARA NOVAES SILVA  
NICK SCABELLO  
OTÁVIO DE OLIVEIRA MORAES  
RAPHAEL ODILON GAMA  
SAMIRA MORAES BRITO  
VICTOR HUGO SIGOLI DE CAMPOS**

# SUMÁRIO

PAU  
LIS  
TANA

**5** EDITORIAL

**6** EDUCAÇÃO

**42** ENTRETENIMENTO

**70** MODA

**78** GASTRONOMIA

**87** ESPORTE

**24** SOCIEDADE

**60** MÚSICA

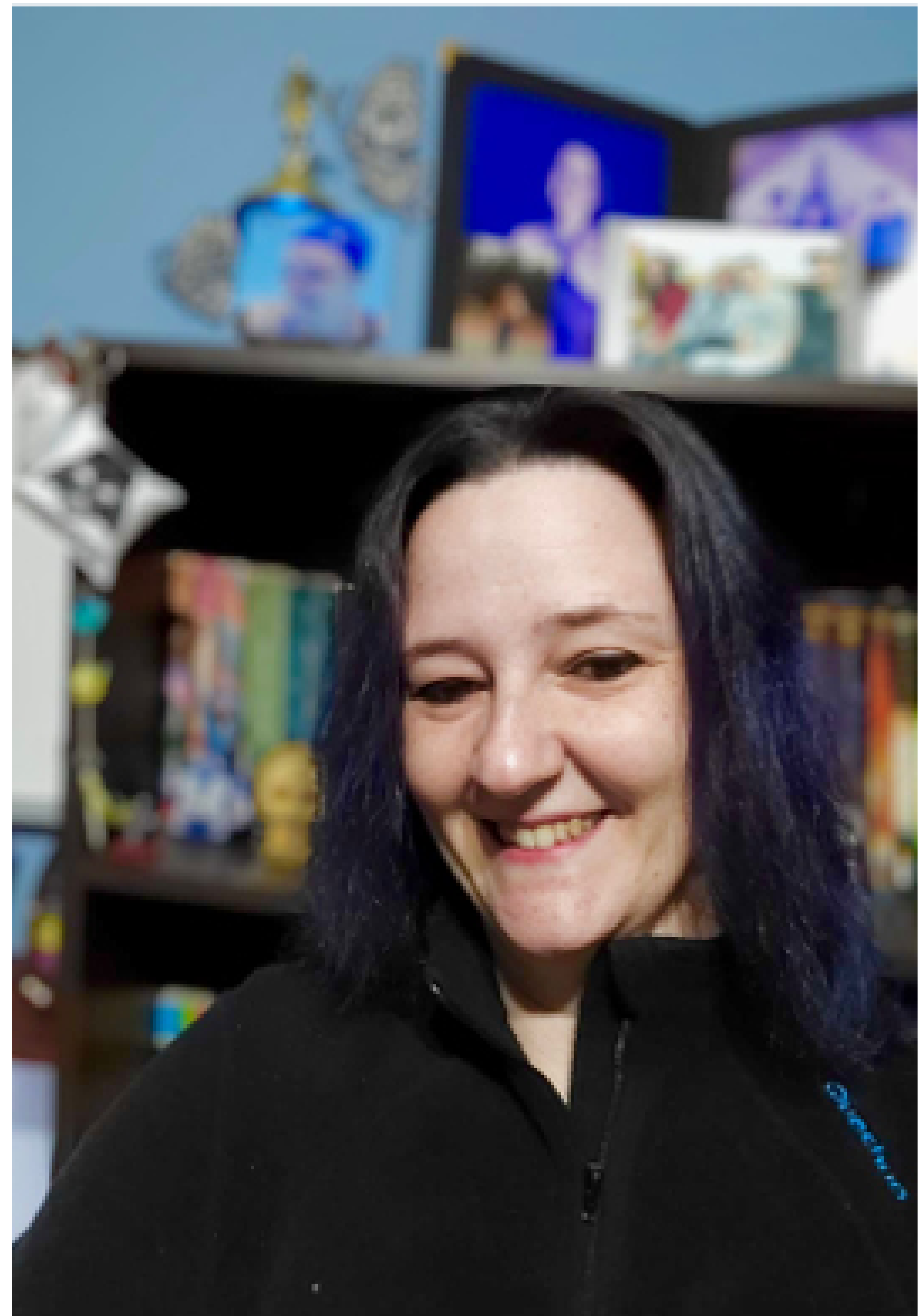
**73** TURISMO

**83** TECNOLOGIA

**91** PERFIL

# Editorial

Seja bem-vindo a mais uma edição da Revista Paulistana! Nós queremos que você tenha uma experiência completa em nossas páginas. Por isso, buscamos trazer a você, nosso querido leitor, uma revista leve, descontraída e ainda relevante. Vamos nos aventurar por cinco parques de São Paulo; conhecer e nos encantar pelo Cine Belas Artes. Em nossa matéria de capa, vamos te levar pela história contada e não contada dos 200 anos da Independência do Brasil. Queremos te apresentar duas Rappers gêmeas e um DJ que estão buscando seus espaços na cena paulistana e nacional; te mostramos que a moda pode ser sustentável e acessível. Quer conhecer o mundo dos Cosplays e do futebol de várzea? Te levamos. Você sabe que o 5G já chegou à capital? Te mostramos onde ele está concentrado e como funciona. Daremos um passeio pelo centro da cidade, tanto em palavras em uma das nossas crônicas, como pelas imagens sensacionais do fotógrafo Marcelo Zocchio. Bateu aquela fome? Conversamos com um chef de cozinha que aprendeu a cozinhar porque precisou morar sozinho, mas se bater aquela preguiça temos um restaurante sobre defumação que combina o lanche com um tipo certo de cerveja. Sabemos que a evasão escolar é um tema bastante falado ultimamente por



causa da pandemia, mas será que é só esse o motivo dessa evasão? Por falar em pandemia, o hábito da leitura teve uma crescente nesse período, as redes sociais de vídeos curtos ajudaram muito com esse estímulo. Vamos lembrar com muito carinho de um “Paulistano da Gema”, de uma voz inconfundível e de um grande contador de causos, com um perfil do nosso eterno Jô Soares, da cantora Gal Costa e de Rolando Boldrin. Venha embarcar em nossas páginas. Boa leitura!!!

Editora-chefe: Rebecca Zampini

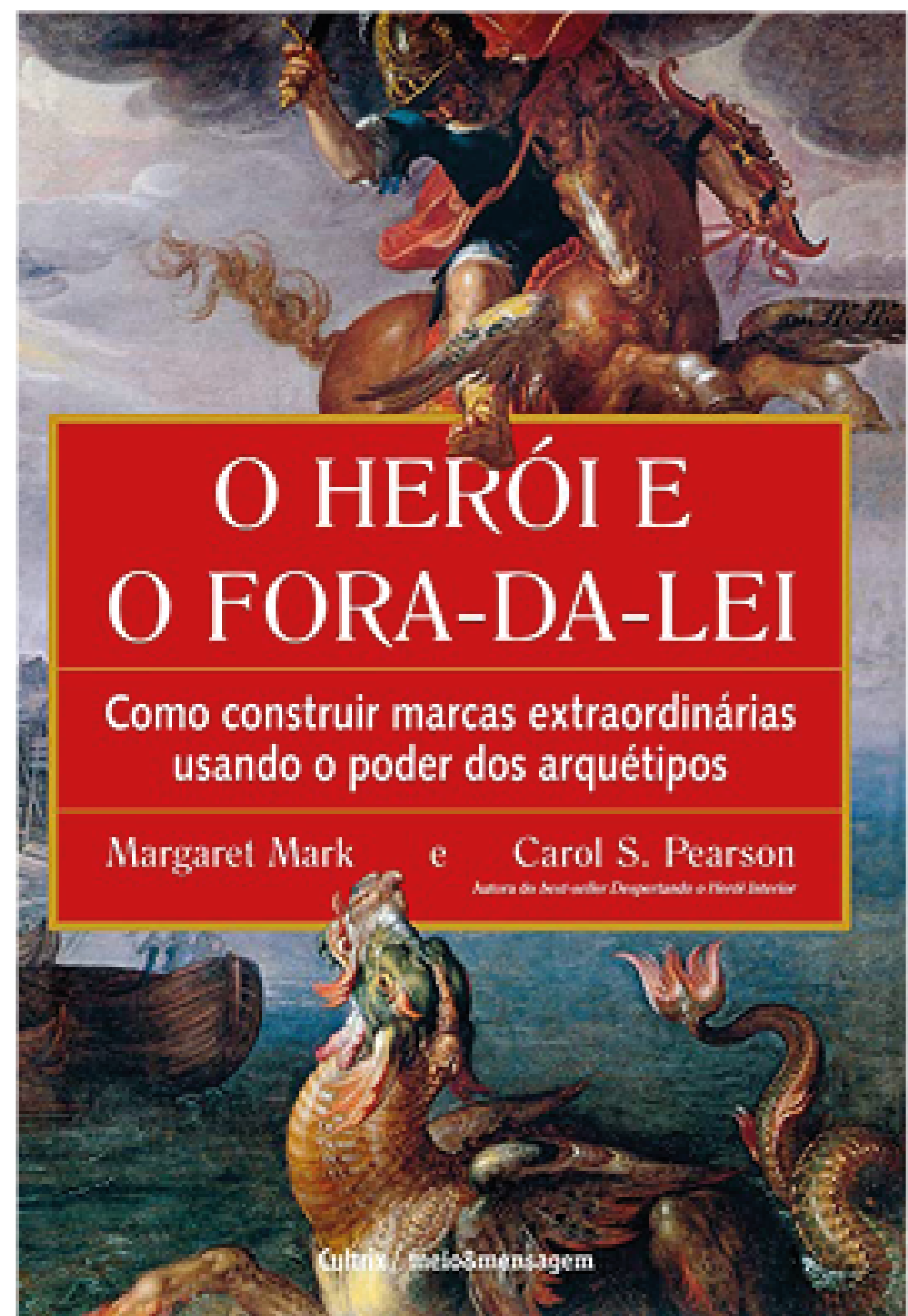


## **Falar de Arquétipos na área da comunicação**

### **Um exemplo de Marca Arquetípica na cidade de São Paulo**

Os arquétipos são construções básicas presentes desde a antiguidade na mente do inconsciente coletivo de todas as pessoas do planeta. O termo foi cunhado pelo psiquiatra Carl Jung e, ele fez descobertas sobre como essas imagens estão ativas em cada um de nós, em diversas fases da vida. Anos depois, duas estudiosas americanas, Margaret Mark e Carol Pearson fizeram um amplo estudo com mais de 60 marcas de sucesso e chegaram à conclusão que todas as marcas que tiveram o poder de se perdurar por anos com muito sucesso, dentre essas marcas famosas: Nike, Coca Cola, Harley Davidson, MacDonald entre outras, possuem uma identidade e personalidade totalmente ligada a um arquétipo universal principal. Com esses dados elas criaram uma teoria e um estudo de como

todas as pessoas podem usar esse poder para aplicar também as suas marcas, sejam marcas pessoais, serviços ou produtos visando atingir a mente do consumidor, o que lhes deu muito material para escrever o livro chamado “O Herói e o Fora da Lei”. Então, como os arquétipos se relacionam com as marcas? Como seres humanos, queremos nos conectar com outras pessoas – não com produtos ou serviços. Assim, quando uma marca assume um arquétipo para comunicar sua personalidade, as pessoas a reconhecem – elas a entendem. Quando as pessoas entendem sua marca, elas podem começar a gostar e confiar em você, o que leva a vendas. Entenda que criar uma peça de comunicação, mesmo que seja um post de Facebook ou um vídeo para Stories do Instagram é muito mais complexo do que se imagina.



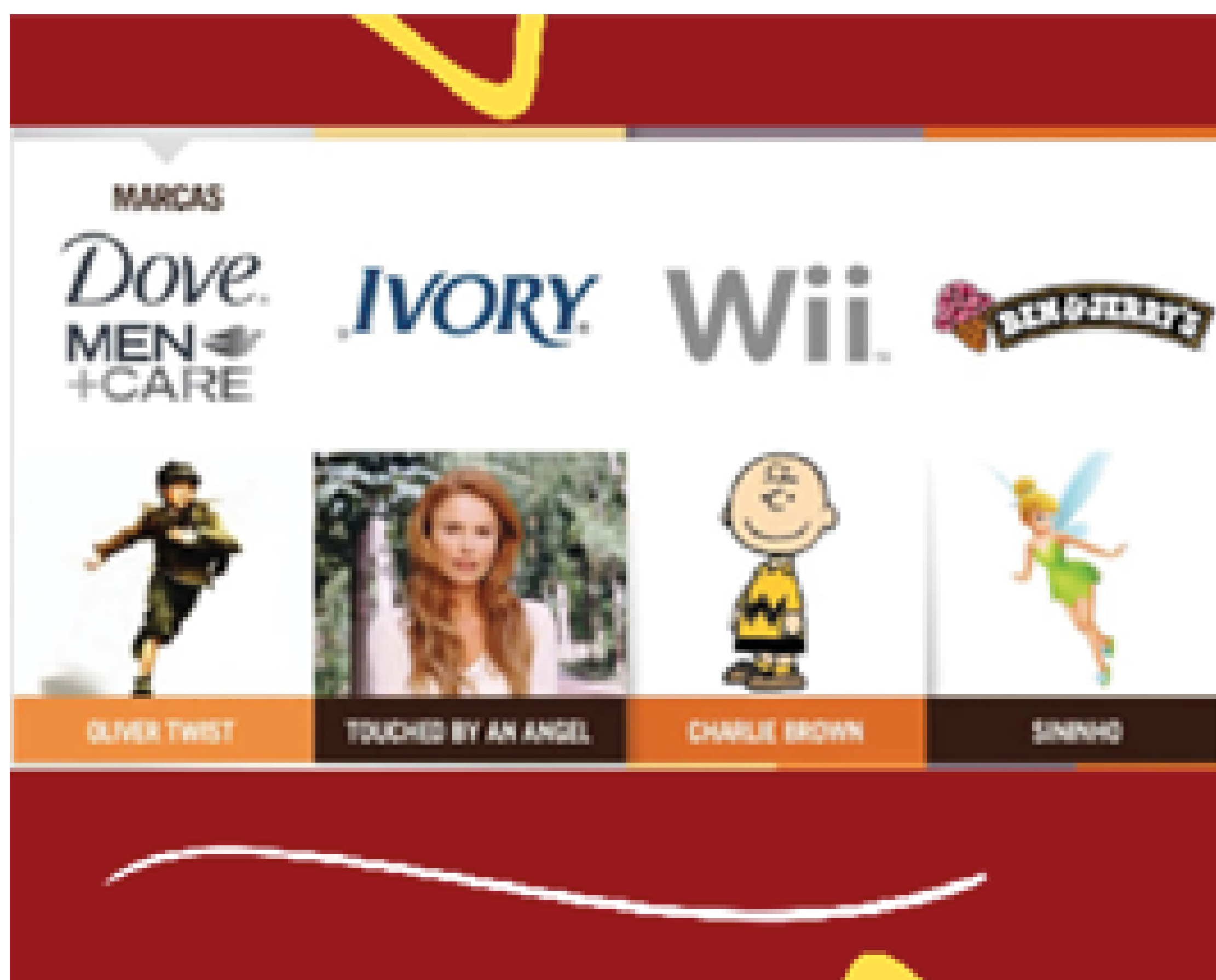
Não basta ter a ideia, é preciso que essa ideia esteja de acordo com o que a marca representa, do contrário, pessoas podem até curtir, mas não vão absorver a mensagem. A psicóloga Carol Pearson, que nos concedeu algumas respostas às nossas questões através de email, comenta que este estudo pode ajudar os jornalistas a expandir seus quadros narrativos

ajudando a evoluir sua cultura. Relacioná-los ao marketing digital de forma que destaquem as marcas e atraiam aqueles que se identificam com o arquétipo da marca. Em função disso, segmentar seu público pensando no comportamento, não só em idade e gênero, pode trazer muito mais benefícios à sua marca, uma vez que, ao usar os arquétipos, cria-se uma personalidade. Isso facilita uma conexão de relacionamento com seu público alvo por estarmos em

uma era em que vemos as marcas como extensões de nós mesmos e buscamos aquelas que se manifestam de acordo com nossas crenças, dessa forma, é possível usar arquétipos para relacionar a sua marca a uma personalidade. O livro chegou a 12 tipos de personalidades com motivações próprias. São eles: Inocente, Explorador, Sábio, Herói, Rebelde, Mágico, Pessoa Comum, Amante, Comediante, Cuidador, Criativo e Governante.

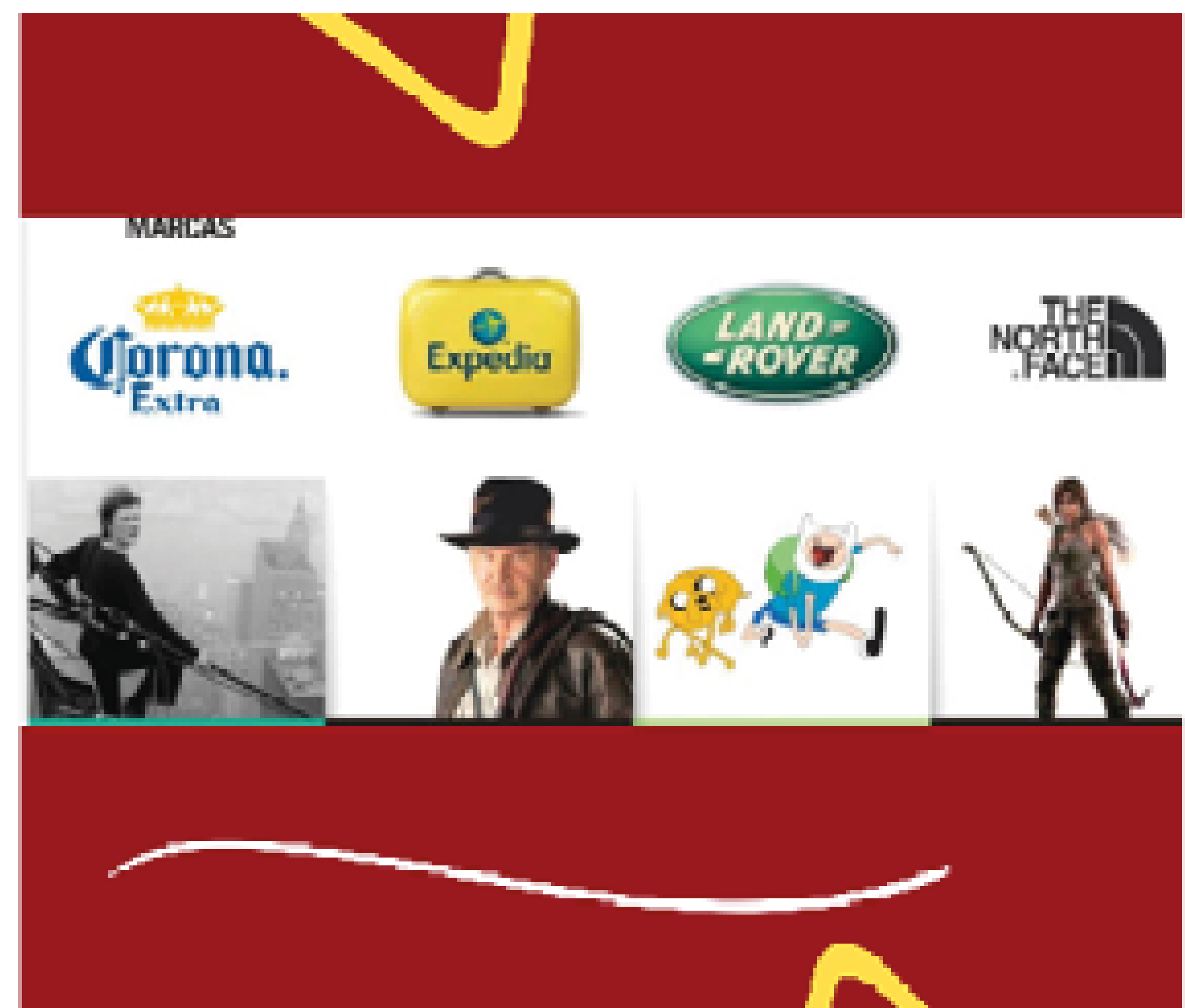




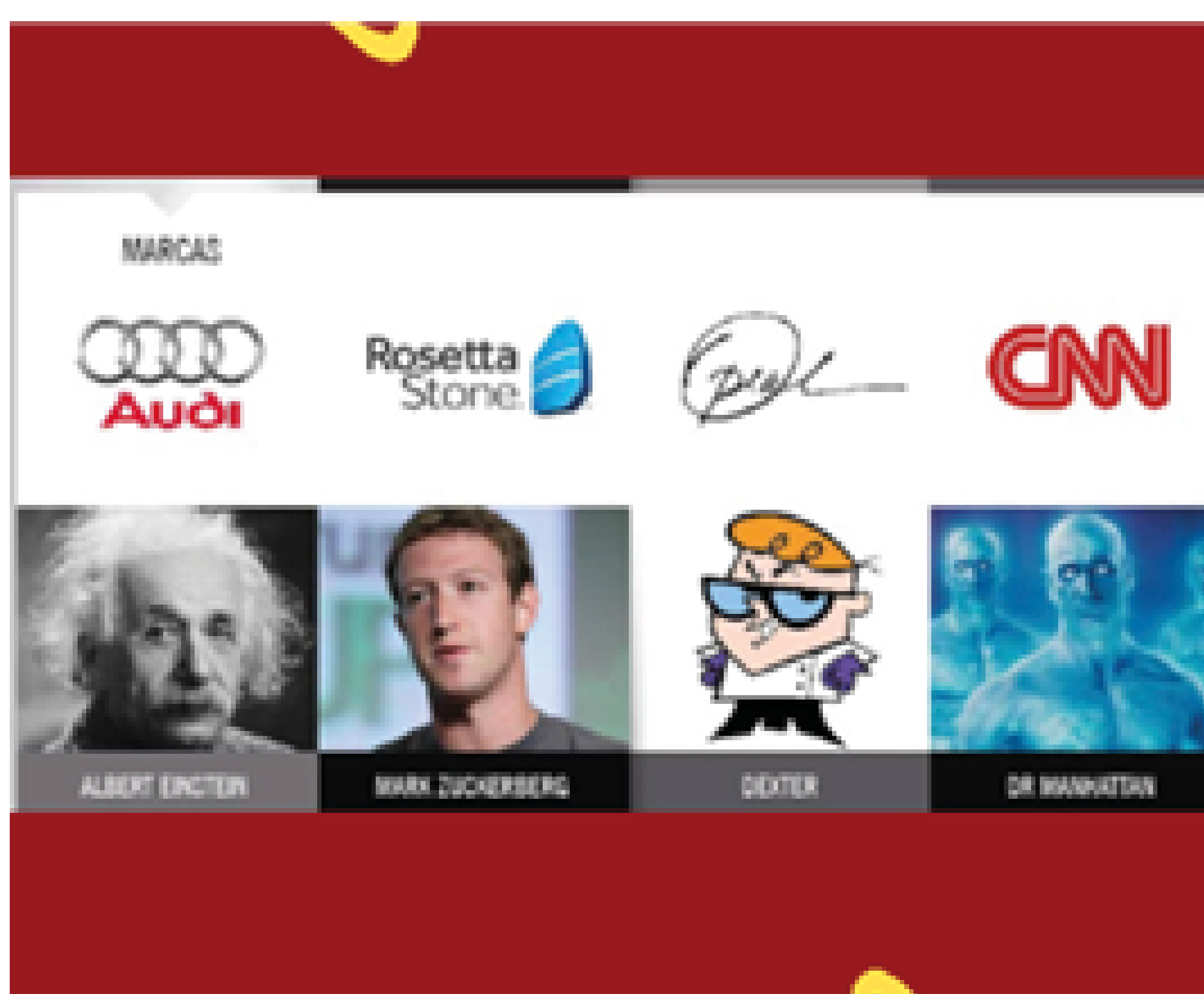


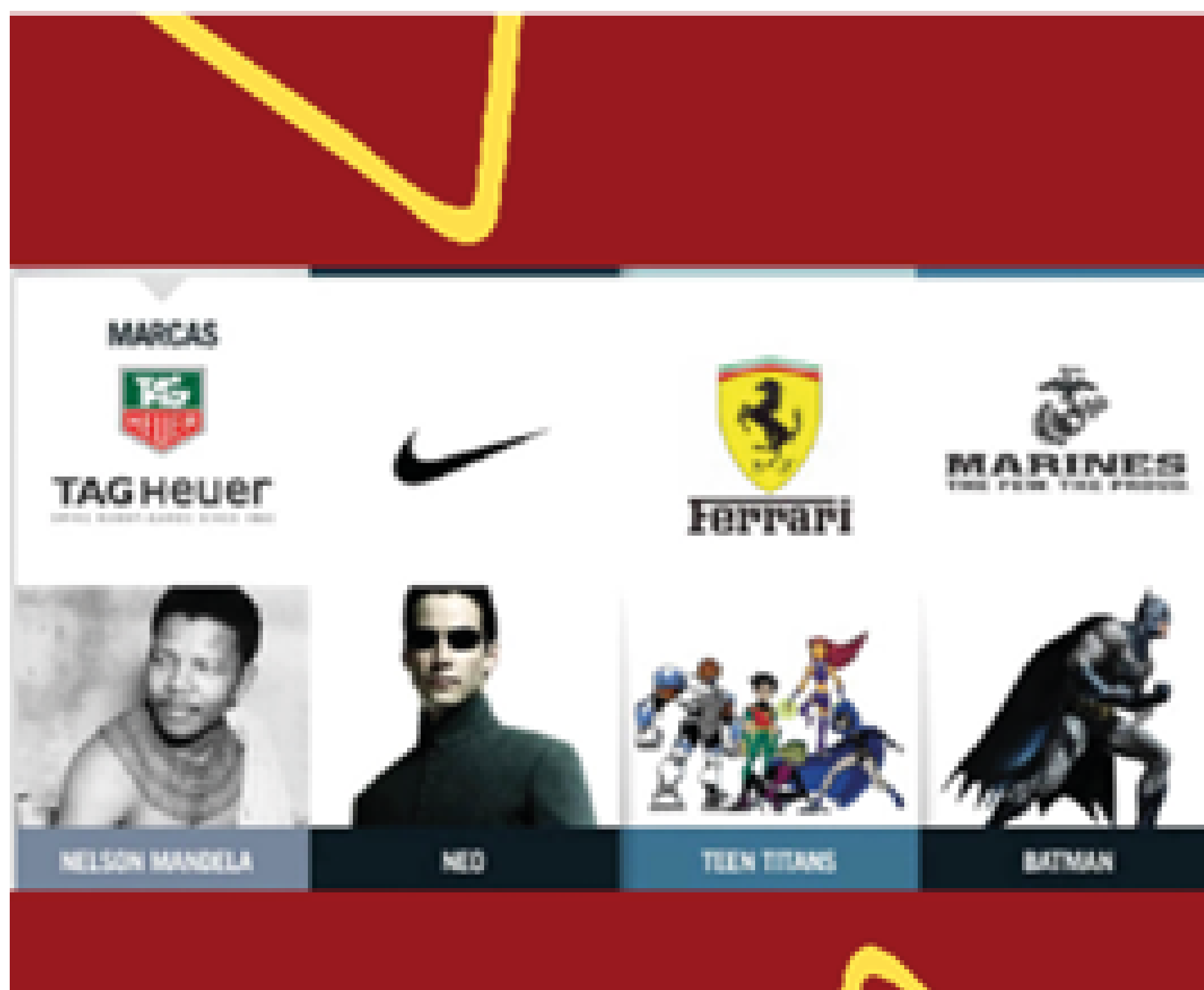
O Inocente - Lema: "Somos livres para sermos nós mesmos"  
Em que acredita: Consumidores leais, amizade e simplicidade  
O arquétipo inocente deseja ser feliz primeiro e acredita num mundo melhor onde todos podem ser quem desejam.  
Marcas que representam: Coca-cola, McDonalds

O Explorador - Lema: "Não levante cercas à minha volta"  
Em que acredita: Inquietude, curiosidade, independência, sair do tédio  
O Arquétipo Explorador: liberdade é o valor mais importante para esse arquétipo que procura fugir do tédio e sempre experimentar algo novo.  
Marcas que representam: LandRover, Discovery Channel.



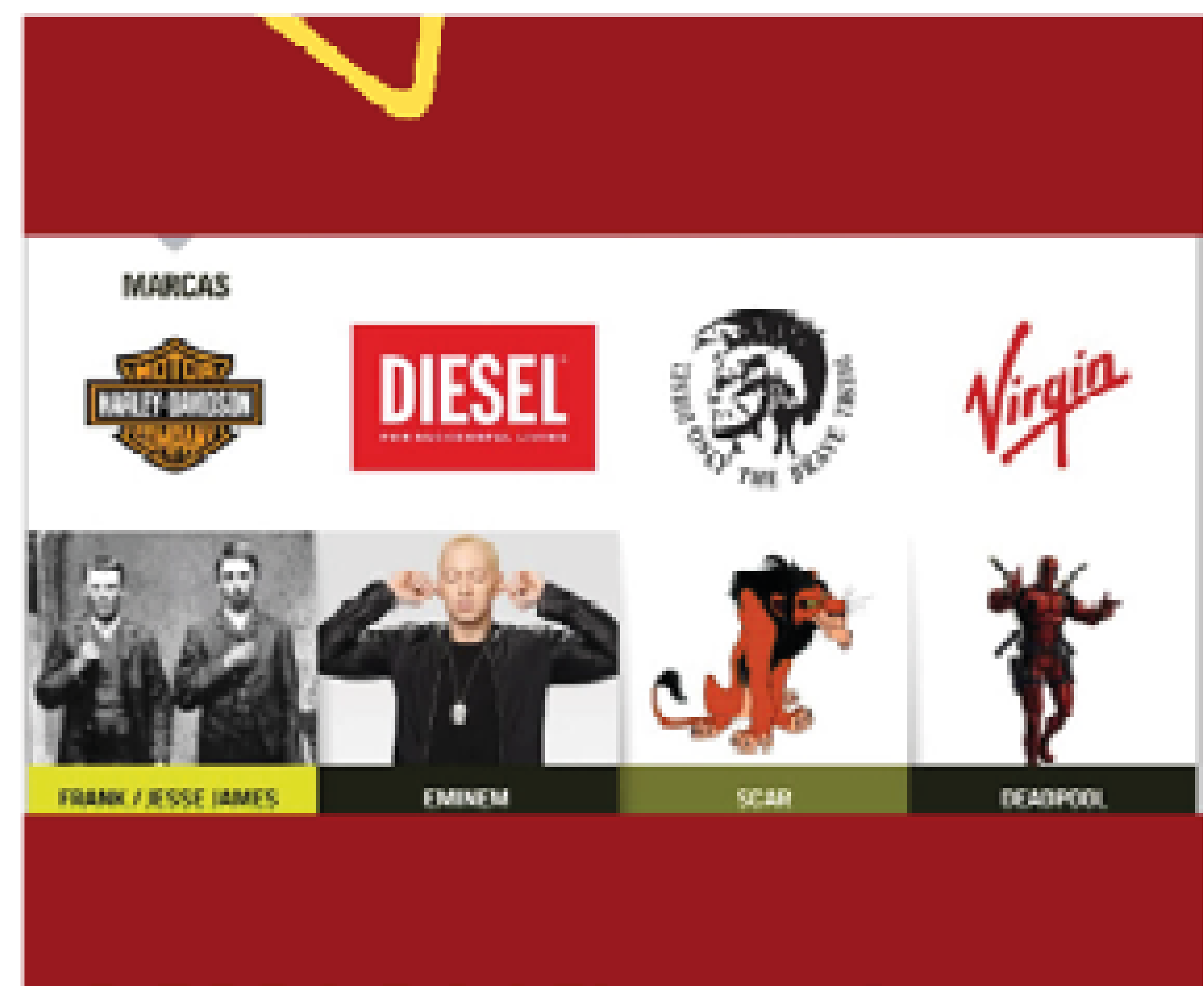
O Sábio - Lema: "A verdade libertará você"  
Em que acredita: Conhecimento, pensamento crítico, investigação.  
O Arquétipo Sábio: deseja entender o mundo através do estudo e da autorreflexão, é metódico e detalhista e acredita que a verdade é libertadora.  
Marcas que representam: Google, CNN



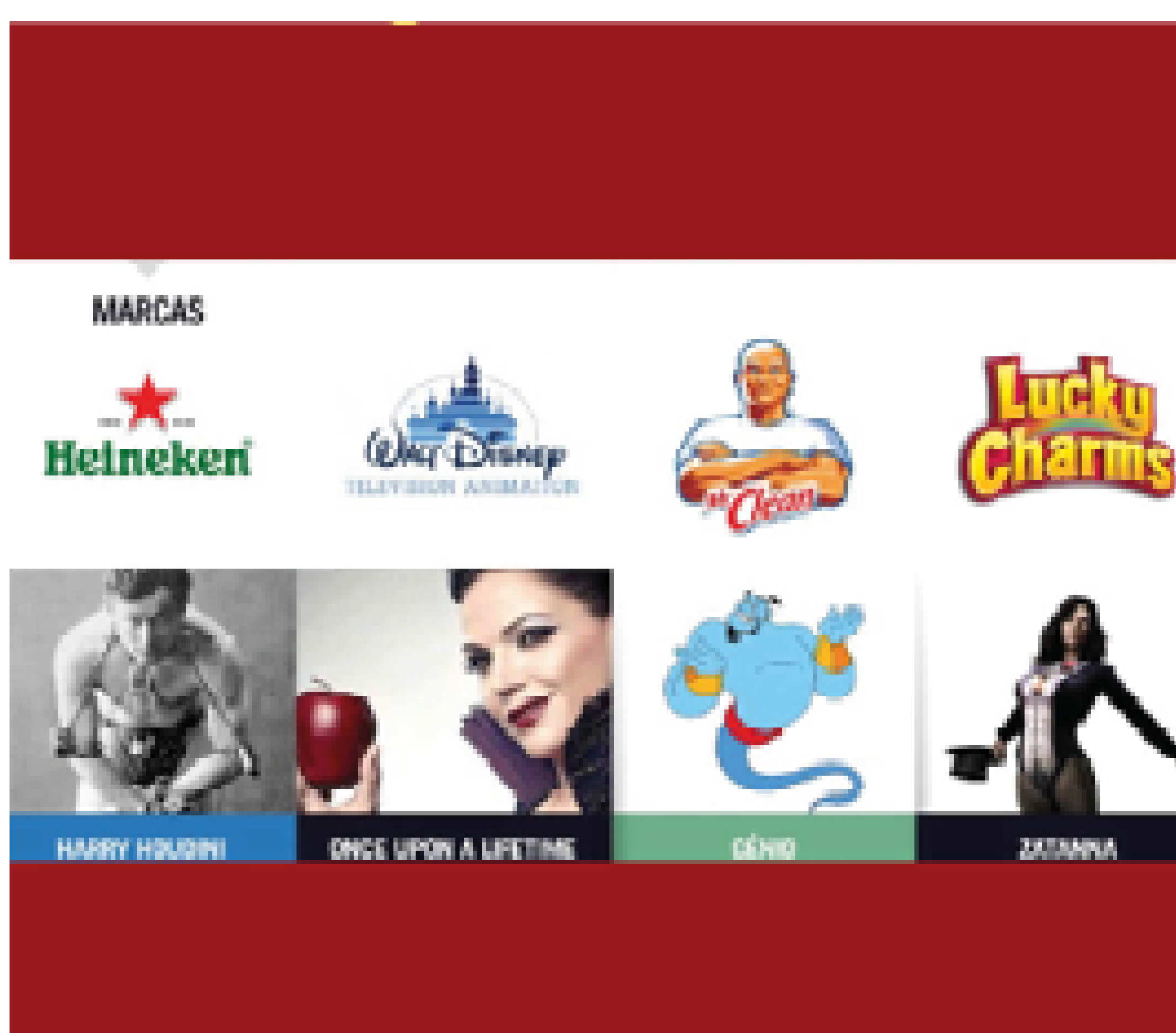


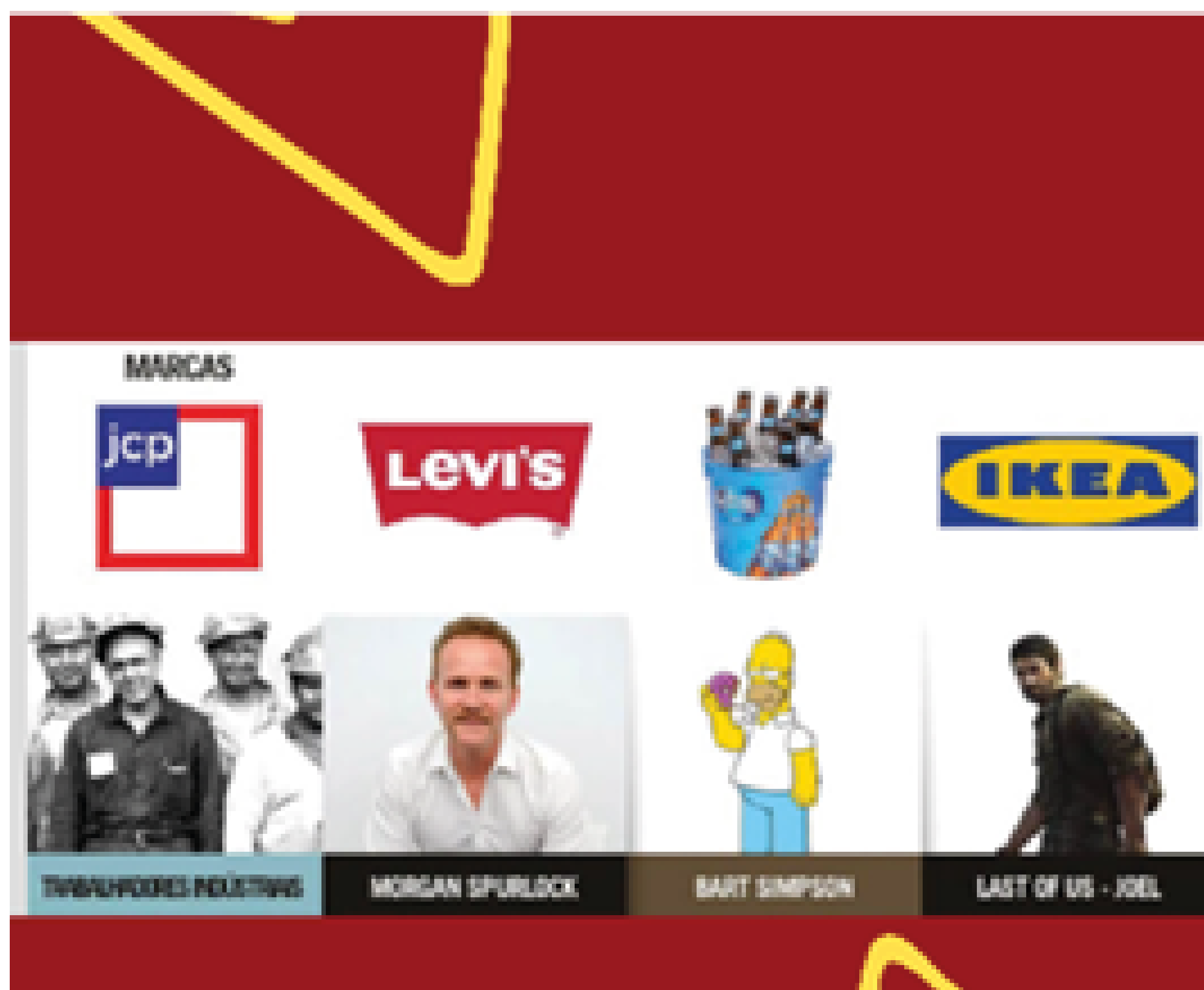
O Herói - Lema: "Onde há vontade, há um caminho"  
Em que acredita: Desafios, dinamismo, coragem, foco.  
O Arquétipo Herói: acredita que com vontade, dedicação e coragem é possível conquistar qualquer coisa, portanto, não mede esforços para isso.  
Marcas que representam: Nike, FedE

O Fora da Lei - Lema: "As regras são feitas para ser quebradas"  
Em que acredita: Quebrar tabus, rebeldia, revolucionar  
O Arquétipo Fora da Lei ou Rebelde: gosta de quebrar regras, chamar atenção para si e é fiel a seus próprios valores e não aqueles considerados certos pelos outros.  
Marcas que representam: Apple, Harley-Davidson



O Mago - Lema: "Tudo pode acontecer"  
Em que acredita: Cura, transformação, sabedoria por meio da ciência ou religião.  
O Arquétipo Mago: busca a visão das leis fundamentais do universo misturando conhecimentos ocultos, religião, ciência e tecnologia para fazer acontecer.  
Marcas que representam: Smirnoff, Mastercard



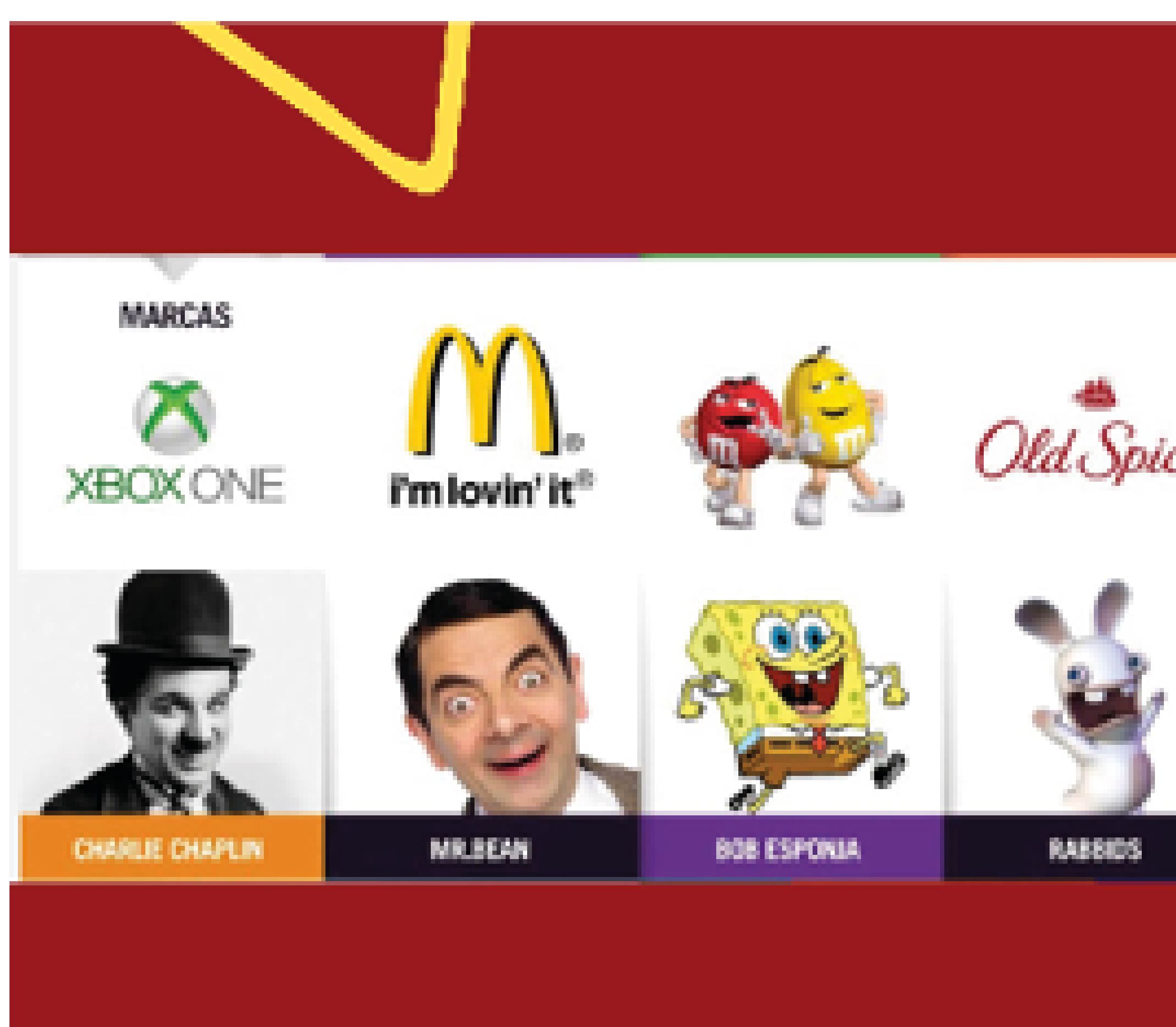


O Cara Comum - Lema: "Todos os homens e mulheres são criados igualmente" Em que acredita: Estabelecer conexão com as pessoas, empatia, tranquilidade. O Arquétipo Homem Comum: possui o desejo de pertencer ao grupo, sendo igual aos demais e não expõem aquilo que realmente pensam e sentem. Marcas que representam: Dove, Gap

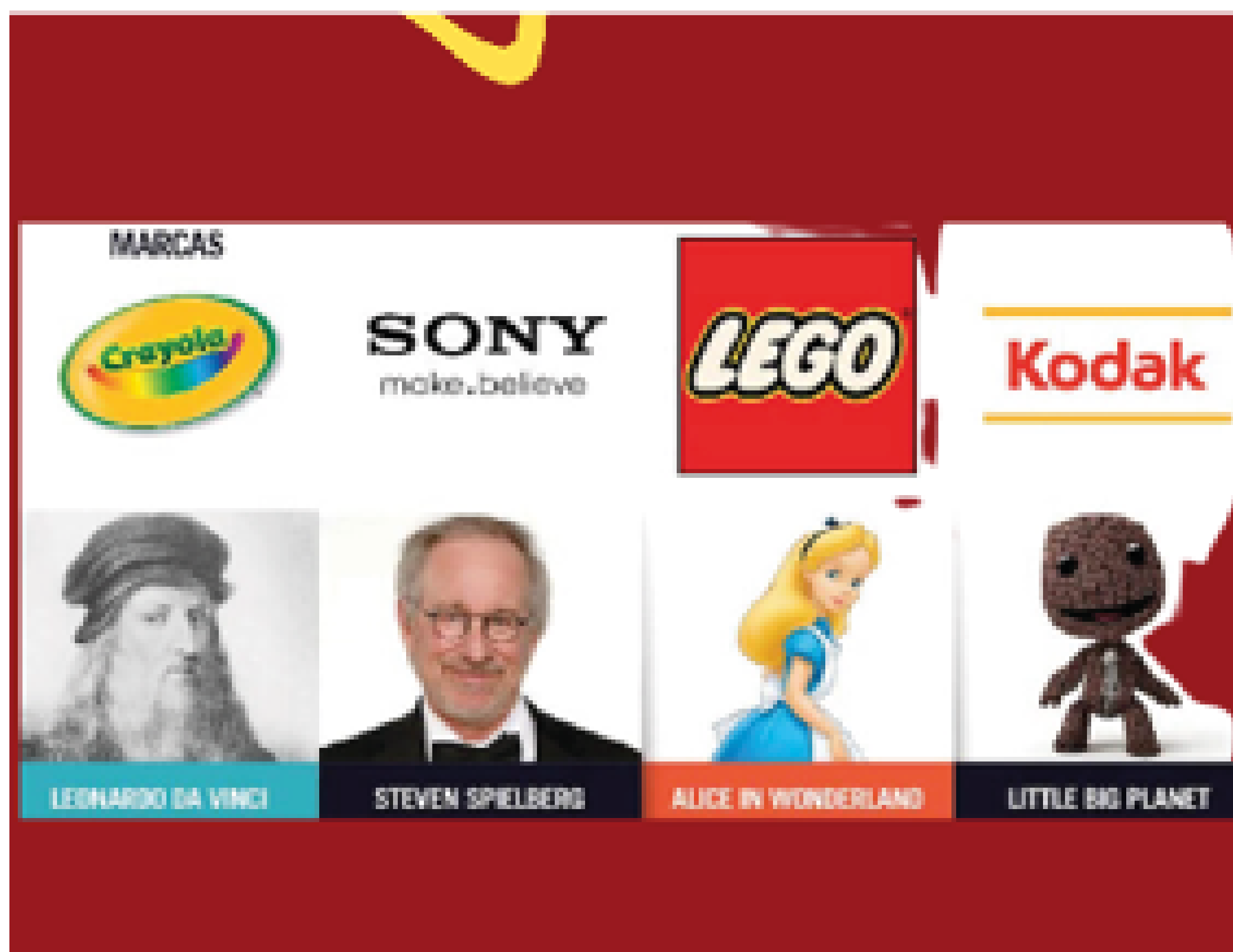
O Amante - Lema: "Só tenho olhos para você" Em que acredita: Exclusividade, customização, beleza e glamour O Arquétipo Amante: o seu foco está em relacionar-se com outras pessoas e teme ficar sozinho, valorizando assim a beleza e o romance. Marcas que representam: Chanel, Häagen Daaz



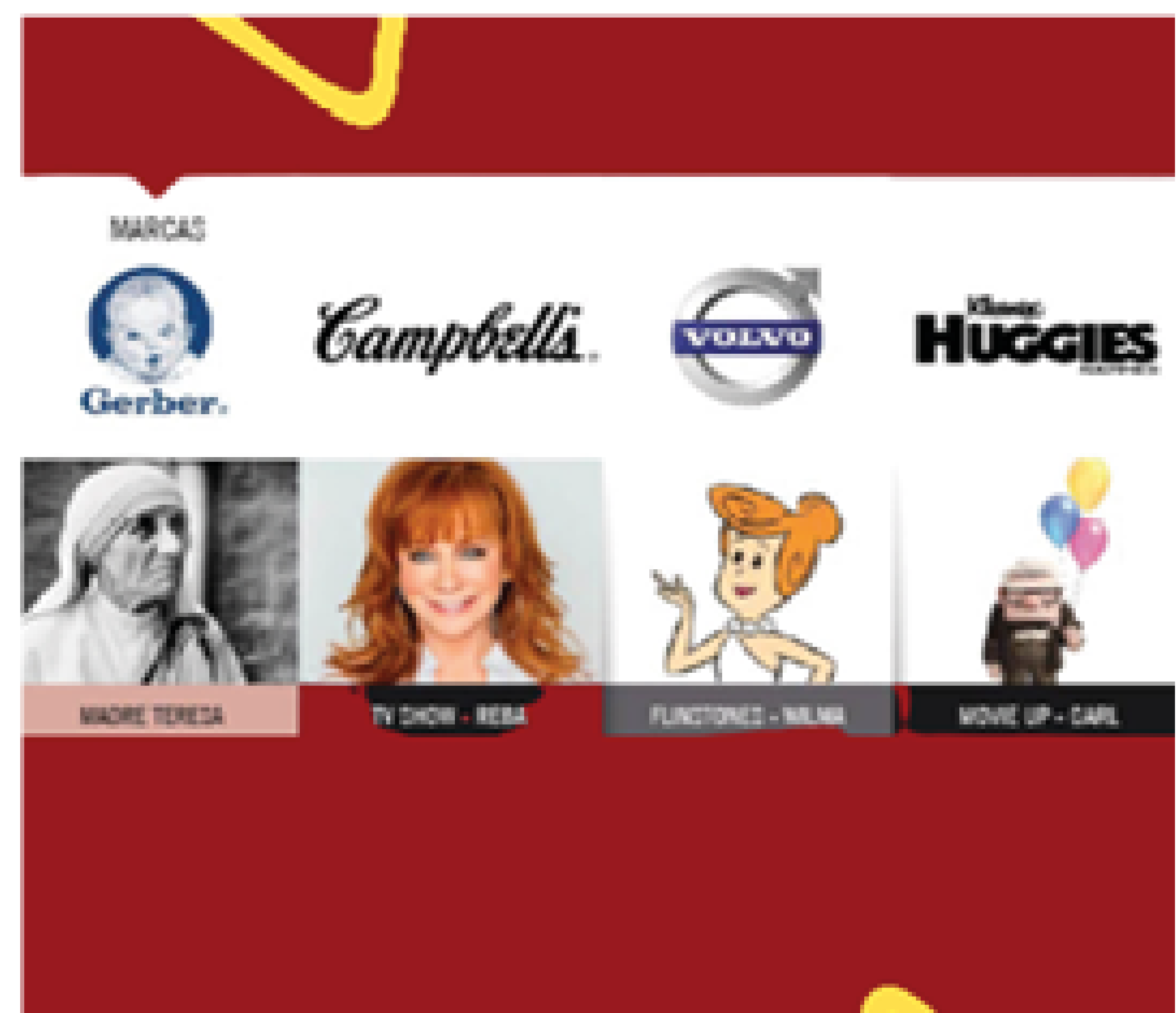
O Bobo da Corte - Lema: "Se eu não puder dançar, não quero fazer parte da sua revolução" Em que acredita: Alegria e disposição; vive uma vida leve e descomplicada. O Arquétipo Bobo da Corte ou Tolo: aposta no humor e na ideia de viver o momento, aproveitar ao máximo sem se importar com o que as outras pessoas vão pensar. Marcas que representam: Pepsi, Trident



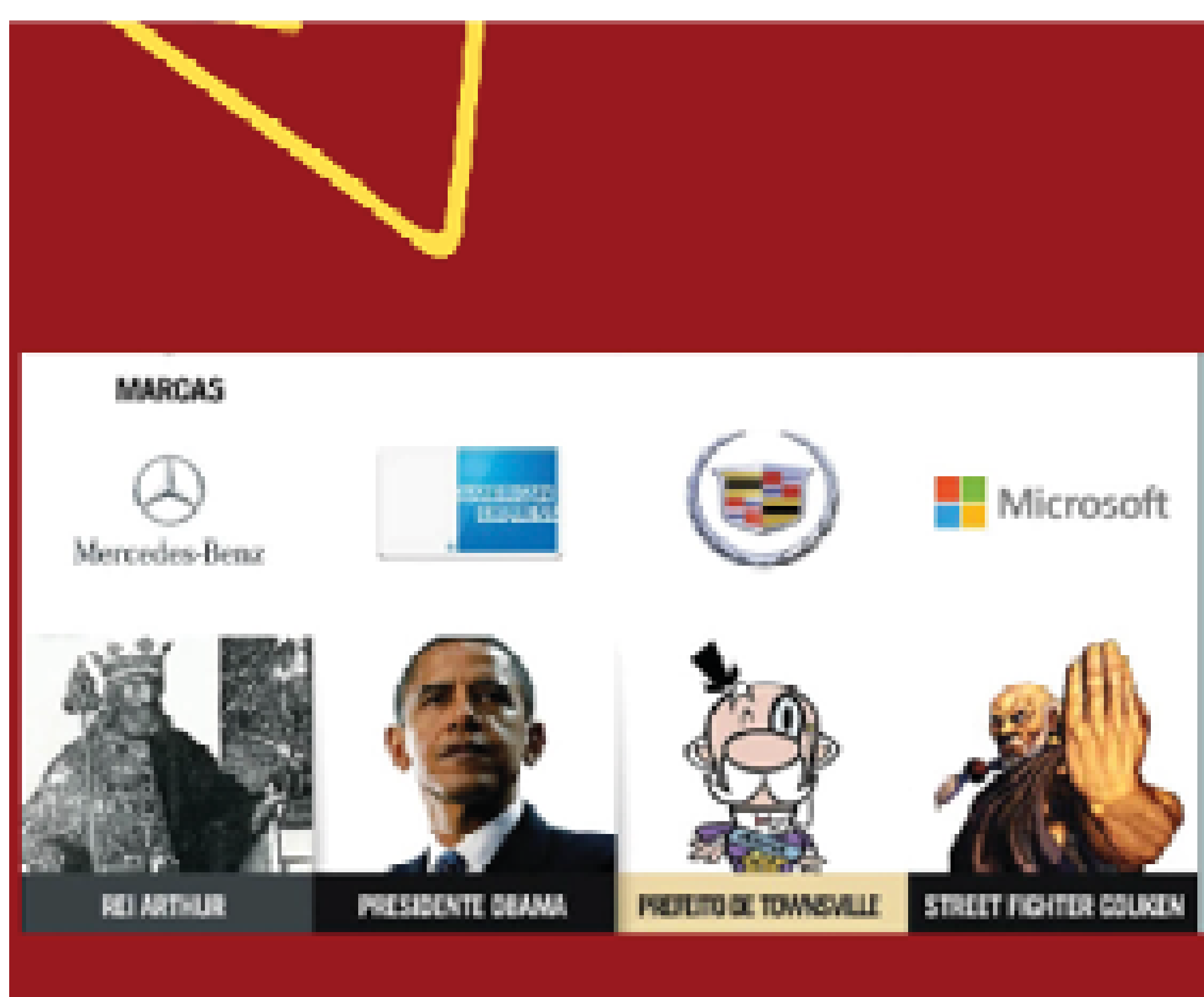
O Criador - Lema: "Se pode ser imaginado, poderá ser criado"  
Em que acredita: Procura transformar ideias em algo de valor; busca criatividade.  
O Arquétipo Criador: possui o dom da criatividade e precisa expressá-lo através de ações significativas.  
Marcas que representam: Netflix, Lego



O Cuidador/Prestativo - Lema: "Ama o teu próximo como a ti mesmo"  
Em que acredita: Generosidade, altruísmo; procura cuidar das pessoas.  
O Arquétipo Cuidador: tem o grande desejo de ajudar outras pessoas como faria consigo mesmo e teme por momentos difíceis não por si, mas pelos outros.  
Marcas que representam: Evernote, Buscapé



O Governante - Lema: "O poder não é tudo, é só o que importa"  
Em que acredita: Organização e responsabilidade; mas acima de tudo, quer sempre estar no comando e no poder.  
O Arquétipo Governante: o seu maior desejo é exercer o poder, não importa a esfera de atuação, é responsável e gosta de ter o controle.  
Marcas que representam: Microsoft, Johnnie Walker



## Por que a compreensão do inconsciente coletivo é tão eficaz para gerar ações?



**Andreia Sales**

Detetive e Estrategista de Marca

Quando somos expostos a determinados arquétipos junguianos, alguns neurotransmissores e hormônios específicos são produzidos, gerando emoções e sentimentos que não estão sob nosso total controle. A reação que ocorre no nosso organismo não acontece em apenas uma interação com um arquétipo. De acordo com Andreia Sales, estrategista de marcas, treinada no Jung Center pela Dra. Carol Pearson com os 12 arquétipos, é preciso usar a repetição para provocar os estímulos. Por esse motivo, as pessoas precisam, em média, ver um anúncio 6 vezes ou ter vários pontos de contacto com uma marca, ou produto. Um arquétipo não levará ninguém a decidir ou agir com uma única exposição a ele.

## Uma marca arquetípica na cidade de São Paulo



O primeiro restaurante McDonald's da cidade foi inaugurado em 27 de fevereiro de 1981, na Avenida Paulista, na altura do número 810. A tradicional filial permanece no mesmo local até hoje. Ao todo, a capital conta com 167 restaurantes da rede, entre unidades próprias e outras franqueadas. Qual é o arquétipo do McDonald? Utopia do que é o futuro, nostalgia do que é o passado; Tem como desejo vivenciar o paraíso e quer ser feliz; Exemplos de marcas

com este arquétipo: McDonalds. A marca se identifica com o arquétipo do Inocente, está em busca de simplicidade. Afinal, este arquétipo é atraído por ideias positivas e promessas de um mundo melhor. A rede de restaurantes e fast food, McDonald's, comentam as autoras Mark e Pearson, é um exemplo famoso e bem sucedido de uma marca que utilizou estratégias arquetípicas relacionadas ao inocente, já que seu mascote é representado por

cores primárias, seus restaurantes possuem um padrão inconfundível e o seu menu principal é o mesmo em qualquer lugar do mundo. O Herói e o Fora da Lei, tem uma descrição das escritoras Mark e Pearson, detalhando a análise desta marca e seu arquétipo. Encerramos esta matéria deixando um pequeno trecho da análise , descrita que localizamos no livro na pág.73.

O Inocente 73

*Livro: O Herói e o Fora da Lei  
Como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*

*Margaret Mark e Carol S Pearson*

Uma obra-prima do marketing Inocente pode ser vista no crescimento do McDonald's, não só como um negócio de amplo sucesso, mas também como o protótipo de todo um tipo de negócios. Desenhado para crianças e famílias, o McDonald's promete um lugar de diversão — uma variação do “aquele lugar maravilhoso”. Os arcos são símbolos extraordinariamente coerentes para a entrada da Terra Prometida; os arcos dourados do McDonald's anunciam a disponibilidade de “alimento, afeição e alegria”. Para algumas pessoas, os arcos dourados do McDonald's lembram uma famosa ilustração dos tempos da aula de catecismo: as Tábuas da Lei, com os Dez Mandamentos. Embora seja improvável que a McDonald's Corporation tivesse tal intenção, o fato de as pessoas fazerem essa associação liga os arcos à fé do arquétipo do Inocente de que, se todos nós seguissemos as regras, o Éden poderia ser restaurado.

O personagem Ronald McDonald, o McLanche Feliz e as cores primárias têm apelo para as crianças, assim como o equipamento. Os esforços filantrópicos do McDonald's também são coerentes com o desejo de tornar o mundo um pouco melhor para as crianças: as Casas Ronald McDonald ajudam as crianças e suas famílias a lidar com doenças críticas.



## **Evasão escolar: um problema crônico na educação brasileira**

### **Uma jornada de omissão e abandono**

O que se vê a princípio é que a evasão escolar no ensino médio da rede pública vem sendo um dos problemas que tem atravessado décadas, necessitando que o governo e a sociedade decidam em conjunto quais serão as medidas necessárias para que haja superação desse quadro. A falta de recursos financeiros não se justifica por si só, mas em geral o desligamento também ocorre pela incompatibilidade entre horário de estudo e trabalho. O problema da evasão escolar preocupa a escola e sua direção ao constatar que há alunos com pouca vontade de estudar. O grande desafio é a falta de motivação e desinteresse dos estudantes, que ao escolher pelo abandono escolar estão construindo um futuro sem perspectivas. Vale a pena comentar que trazendo luz a essa realidade, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), lançou uma ação



buscando conscientizar a população brasileira para que cobrasse dos seus candidatos e suas candidatas nas Eleições 2022, prioridade na pauta da educação. Segundo o UNICEF, mais de dois milhões de crianças e adolescentes estão fora da escola no Brasil. Além deles, outros milhões estão na escola, mas não conseguiram aprender na pandemia e estão em risco de evadir. Para chamar a atenção de eleitoras e eleitores para a urgência de priorizar a Educação na hora do voto e acompanhar de perto o tema nos próximos quatro anos, o UNICEF instalou monumentos em São Paulo, Belém e Salvador como uma homenagem à educação e uma crítica à evasão escolar. A ação, assinada pela Artplan, foi dividida em três fases. A primeira, em 9 de setembro, foi a entrega dos monumentos, com esculturas em tamanho natural que retratam uma sala de aula com uma profes-

sora e sete alunos, representando os 47 milhões de estudantes da educação básica brasileira, matriculados em mais de 180 mil escolas em todo o Brasil. Os locais escolhidos para os monumentos são o Parque do Ibirapuera (São Paulo), Parque da República (Belém) e Largo do Campo Grande (Salvador). As cidades foram escolhidas por serem as capitais dos estados mais populosos das três regiões em que o UNICEF atua: Norte, Nordeste e Sudeste. Na segunda fase, em 13 de setembro, as esculturas que representam as crianças sumiram, deixando as salas de aula vazias, apenas com a professora. No dia 15, estas estátuas apareceram nas ruas do entorno representando crianças em situação de vulnerabilidade – catando latinha, vendendo balas, segurando um bebê, em cadeira de rodas, pedindo esmola, sofrendo bullying, entre outros, situações que o UNICEF

identificou como sendo as principais causas da evasão escolar. Para realizar um breve comparativo, realizamos alguns levantamentos e falamos com algumas pessoas que complementam esta visão que nem sempre temos o acesso.



Anderson Rodrigo Rodrigues Alves, Gerente de Organização Escolar da E.E. Prof. Ascendino Reis, situada na zona Leste de São Paulo, comenta que a faixa etária dos estudantes da escola

onde atua é de 15 a 17 anos, normalmente, porém, existem casos de alguns estudantes repetentes de até vinte anos, mais do que isso não tem nenhum atualmente.



O professor de história da Escola Estadual Italo Betarello, Alexandre Lucílio da Cruz, disse em nossa entrevista que esse comportamento dos estudantes é resultado de várias interferências.

## Motivos do abandono escolar

Para Alves e o professor Cruz, foram unânimes em comentar que estão relacionados a dois problemas estruturais: o primeiro é o trabalho, o segundo é a família. Além disso, tem os alunos maiores de dezoito anos que se sentem muito atrasados e às vezes ignorados pelos alunos mais novos, fazendo com que eles abandonem o ensino médio para ingressarem no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Alves enfatiza que os problemas sociais e econômicos influenciam e muito nessa decisão dos alunos, inclusive, a parte mais afetada é a capacidade cognitiva deles. Em muitas das famílias o aluno é o único provedor do lar, então, muitos se sentem exauridos pelo trabalho e não conseguem dar conta dos estudos, isso faz com que eles desanimem e desistam. O professor Cruz relata algumas

causas apontadas pelos alunos que ele identificou e compartilhou conosco sem citar nomes para preservar a identidade dos mesmos. Recentemente, completou 40 dias que um aluno deixou de ir à escola e após a apuração constatou que o motivo foi por estar trabalhando como ajudante de pedreiro- o aluno relata que não consegue ir depois do trabalho para a aula. A segunda narrativa, trouxe a história de uma aluna que em função da morte da mãe pela Covid-19, o pai tirou a filha da escola pois precisava dela para cuidar da casa e dos irmãos mais novos para que ele pudesse trabalhar. Alunas que engravidaram e alunas em relacionamento abusivo que são impedidas de ir para escola por ciúmes, são cenas constantes vivenciadas, segundo relato do professor. Ele comenta também que escolas

que estão com o formato de período integral têm o maior índice de evasão escolar, muitas vezes porque a própria instituição está completamente sucateada e sem um programa de atividades que traga aprendizado, assim como o fato do aluno ter que ficar na escola durante nove horas, fazendo com que não consiga conciliar com o trabalho. Segundo ele, o aluno do ensino médio está no momento que ele quer ir para o mercado de trabalho. Alunos que trabalham e acabam chegando na segunda aula, por conta do trânsito, perdendo assim a janta, com o tempo vão desistindo por ser longas horas sem alimentação em conjunto com o cansaço. Outro fato que desestimula o aluno, relatado pelos pais ao professor Cruz é “a falta de professores, onde os alunos vão embora mais cedo da escola”. Esta reali-

dade está atrelada à carência de professores na rede pública. Assim como o programa Itinerário formativo, aplicado para o pessoal da noite um complemento de aula on-line para equiparar a carga horária dos alunos que estudam pela manhã, porém ministrado às 16h30, segundo Cruz, com uma evasão enorme, ou os alunos estão trabalhando, ou não tem sinal de internet o suficiente para assistir às aulas. Para ele, a evasão é muito maior do que parece. Cruz, enfatiza que a gestão escolar fica refém de tomadas de decisões e se transforma em um efeito cascata, ou seja, encontramos situações de alunos que não vão para a escola e continuam matriculados para ser apenas um número. O outro cenário é de que alunos vão até a escola e não entram em sala de aula e são aprovados, existe uma outra

situação que é a de que gestão não dá baixa, mas tem a alternativa de transferi-lo, pois este dado não entra no índice de evasão.

## **As consequências**

Nesta questão, tanto o professor Cruz quanto o gerente Alves concordam que o aumento da evasão escolar reflete para a escola de duas formas. Primeiro, a redução gradativa de salas que cada escola possui, quanto maior o número de alunos evadidos menor será o número de classes no ano seguinte. Segundo, a redução de recursos públicos destinados à ela, se você consultar o Portal da Transparência do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), onde consegue verificar o valor que é repassado anualmente ou semestralmente para aquelas unidades, escolas muito pequenas têm um ganho muito menor de recursos do que escolas que têm muito mais alunos. A es-

cola não tem caixa e essa verba é necessária para consertar ventilador quebrado, cano estourado, enfim, na manutenção do prédio. Outro fato importante mencionado pelo professor é de que na pandemia, muitos alunos foram aprovados sem nunca terem comparecido às aulas, assim como não entregaram nenhuma atividade.

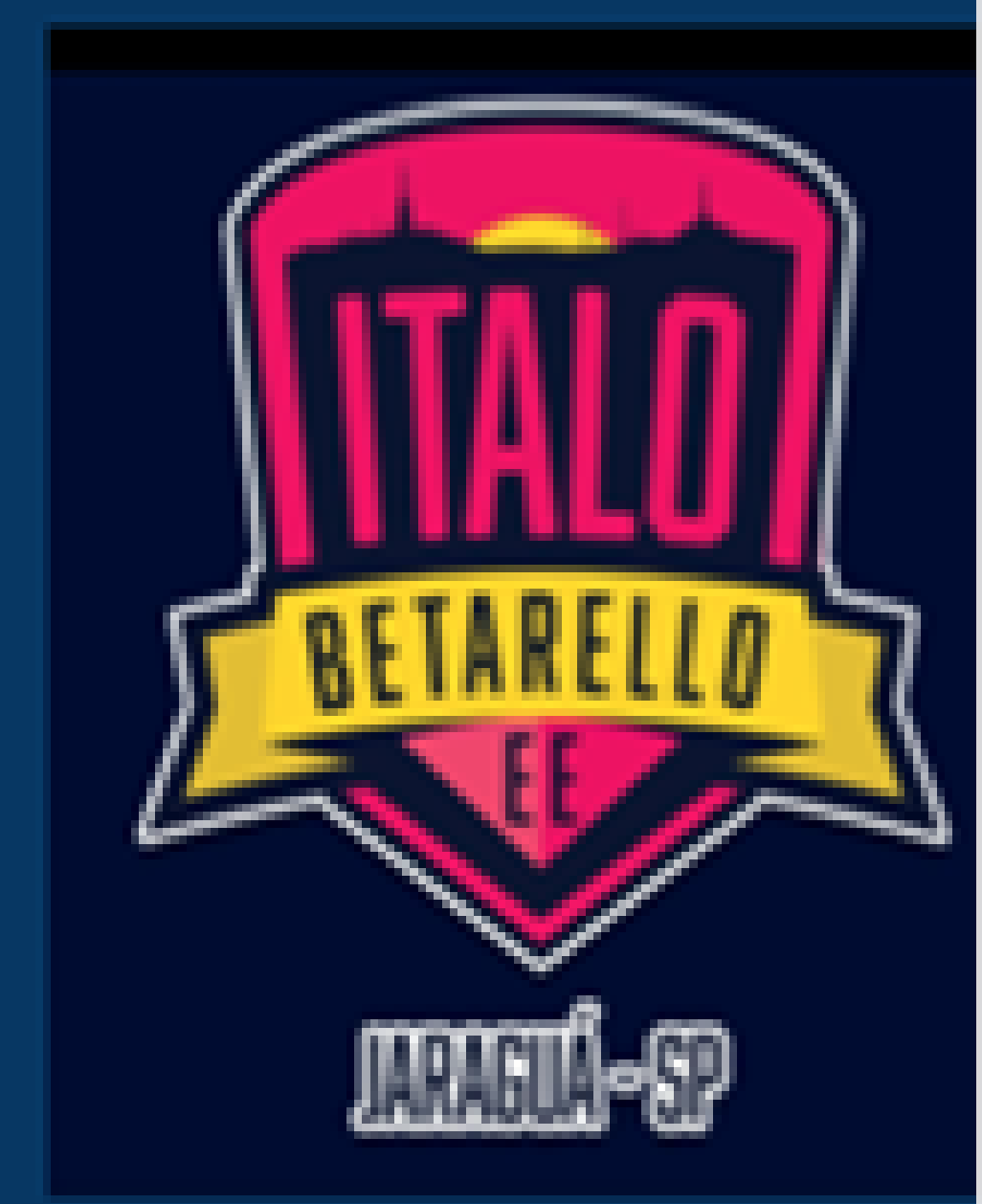
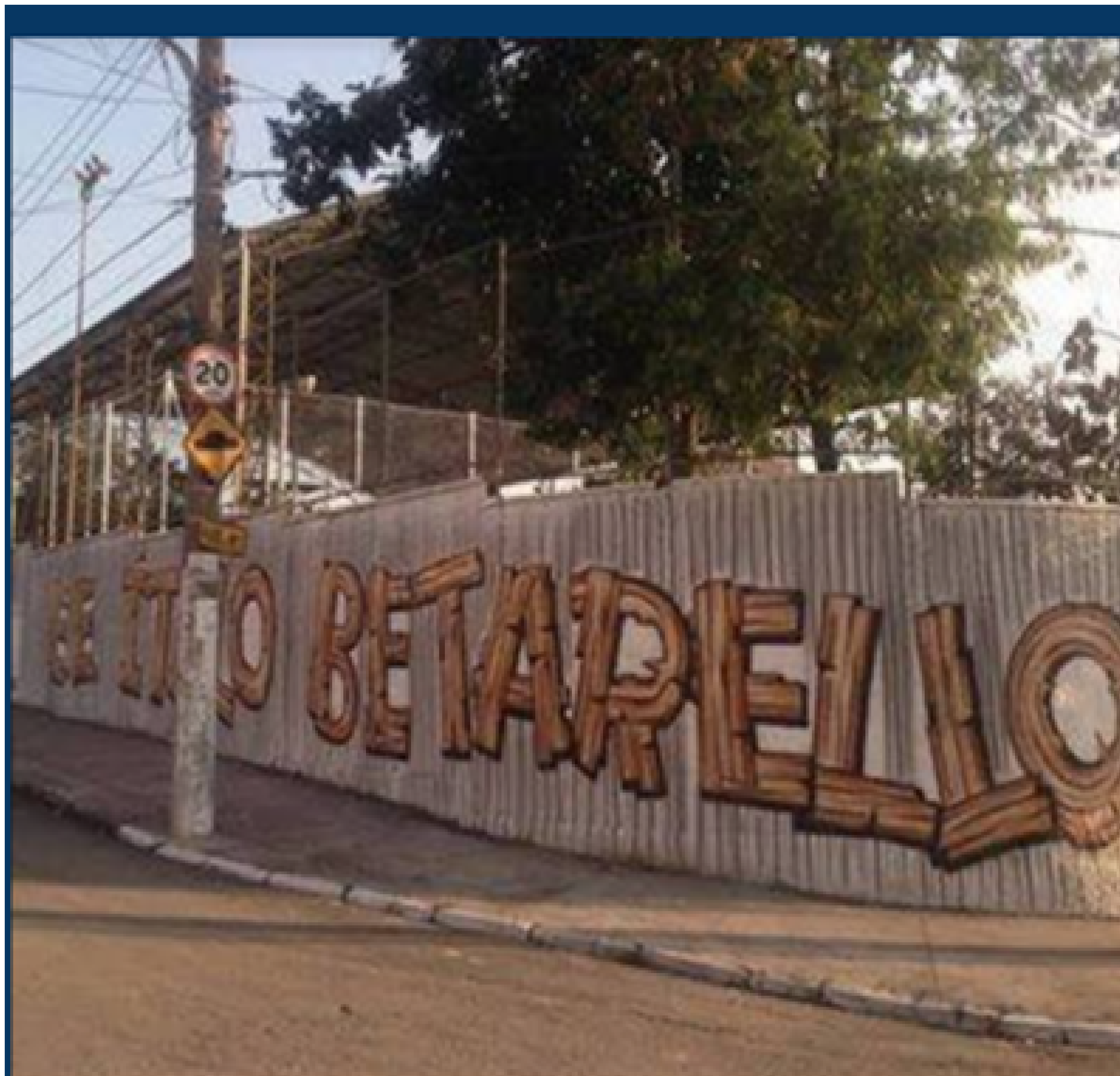
## **O que poderia ser feito par contornar a evasão?**

Alves comenta que o foco fica por conta da pró atividade utilizando ferramentas. Uma delas é a “Busca Ativa”, que foi feita durante a pandemia de Covid-19 e a coordenação escolar ainda usa, que é o contato por telefone, email, carta, entre outras formas para se comunicar com a família ou os responsáveis do estudante com o objetivo de entender porque ele está faltando, uma vez que o Estado fornece material escolar, alimentos, estudos, e transporte gratuitos.

Muitas vezes também se deparam com o aluno acidentado e o responsável não informou à escola. A “Busca Ativa” é feita para entender por quais motivos o estudante não está vindo para a escola, “é por causa do meu emprego, ele está me impedindo de chegar no horário”, então, tentam conversar com sua chefia para ajustar seu horário, ou, “não estou indo porque estou doente, tenho que ficar em repouso”. Outro método utilizado é a prova do Saesp. Com ela, o Estado enxerga em números quem não compareceu na prova, em conjunto com o “Diário de Classe Eletrônico”, o professor faz a chamada e o nome do aluno já aparece no sistema e marca a frequência de presenças e faltas. Segundo Alves, a escola tem desde 2019 a POC - Professora de Orientação, fazendo atendimento psicológico aos estudan-

tes e professores, visto que muitos têm ansiedade, depressão ou ambos. Entre os alunos, há casos de suicídio e uso de entorpecentes, ressaltando também a necessidade do colégio ter um profissional da psicologia para conversar com esses jovens e ensiná-los e motivá-los a tratarem de seus problemas e sentimentos e impedir a sua saída da escola. Para o professor, deveria ser aprovada uma das propostas, tais como a Bolsa Trabalho, como um subsídio para manter o aluno na escola. Outra sugestão é de que a escola tivesse um preparo para o ingresso do aluno no mercado de trabalho, pois muitos alunos abandonam por não acreditarem que a grade do ensino médio seja de grande ajuda para isso. Para alunos que estudam à noite, o horário de jantar passa ser servido no horário do intervalo,

que normalmente é às 21hs. Desta forma, todos teriam a oportunidade de se alimentar já contando com os atrasos no trânsito, essa é a realidade dos alunos. Ao final da entrevista, o professor comenta que é necessário revisar as políticas educacionais. Os alunos precisam ser provocados para que sintam a necessidade de aprender e não os professores “despejarem” sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito. A forma de apresentar o conteúdo, portanto, pode agir em sentido contrário, provocando a falta de desejo de aprender que seria, para os alunos, o distanciamento que se coloca entre o conteúdo e a realidade de suas vidas.



<https://www.italobetarello.ga>



## Cidadania

Por: Nick Scabello

A diferença entre o calor do lado de fora do ônibus e o frio controlado de dentro do mesmo veículo fez gotículas de suor serem sentidas por sua pele. As botas pousaram de um salto que ela teve que dar porque o último degrau da porta do ônibus estava quebrado. Ela quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se recuperar. O sol estava forte, e o ambiente estava claro, ferindo seus olhos por alguns instantes. Aos poucos ela se afastou do ônibus, cujo motor quente a deixava desconfortável, e seus olhos encontraram a Biblioteca Mário de Andrade, bela com suas colunas. Atrás da biblioteca, podia ver um prédio abandonado em sua construção, com as varandas por fazer e a pintura feita pela metade. Uma ruína urbana, como outras centenas que existiam no centro da cidade. Estava na Rua Coronel Xavier de Toledo, onde vários ônibus faziam seu ponto final. Alguns, como os dela, vindos

desde a Rodovia Raposo Tavares, passando pela Rebouças e pela Consolação. Ela pôs-se a andar, empertigando-se em seu colete jeans e ajeitando os botões presos nele. Várias bandeiras coloridas, alguns símbolos de bandas como Ramones e Sex Pistols, o número de um candidato e o símbolo da anarquia. Ela temia andar dessa forma, mas sabia que ter medo fazia parte da estratégia deles, e ela se esforçava para não deixá-los vencê-la. À sua direita, viu a reitoria da UNESP, que ela já vira muitas vezes descendo naquele mesmo ponto, ou pegando o ônibus para voltar para casa. À sua esquerda, viu vários bares e restaurantes pequenos abertos, e alguns estabelecimentos com seus portões de ferro selados. Tais portões tinham grafites feitos a tanto tempo uns por cima dos outros, que até mesmo quem fosse capaz de de-



decifrar seus símbolos não seria capaz de formar algo coerente. Ela sentiu seu corpo se adaptar ao calor. Olhava em volta, e algumas pessoas olhavam para ela. Sabia que era chamativa, sabia que os braceletes de espinhos, as luvas, os cabelos faziam as pessoas a verem de uma certa forma. E era proposital, sempre fora. É o que significava ser ela, fazia parte de sua identidade, fazia parte daquilo que ela representava. Fazia parte, principalmente, do motivo dela estar caminhando ali. Passou pela estação Anhangabaú do metrô, vendo pessoas dos mais variados tipos. Indo para longe, viu duas pessoas com roupas similares às dela, e ficou contente em poder fazer parte daquilo, mesmo que a distância, pois detestava encontrar outras pessoas assim na rua e não estar performando sua identidade como gostaria. Ao passar pela estação, os prédios começaram a se apresentar diferente, com pequenos prédios antigos, com os rococós

cifrar seus símbolos não seria capaz de formar algo coerente. Ela sentiu seu corpo se adaptar ao calor. Olhava em volta, e algumas pessoas olhavam para ela. Sabia que era chamativa, sabia que os braceletes de espinhos, as luvas, os cabelos faziam as pessoas a verem de uma certa forma. E era proposital, sempre fora. É o que significava ser ela, fazia parte de sua identidade, fazia parte daquilo que ela representava. Fazia parte, principalmente, do motivo dela estar caminhando ali. Passou pela estação Anhangabaú do metrô, vendo pessoas dos mais variados tipos. Indo para longe, viu duas pessoas com roupas similares às dela, e ficou contente em poder fazer parte daquilo, mesmo que a distância, pois detestava encontrar outras pessoas assim na rua e não estar performando sua identidade como gostaria. Ao passar pela estação, os prédios começaram a se apresentar diferente, com pequenos

prédios antigos, com os rococós clássicos gastos e suas fachadas antiquadas da época que aquela região era propriedade de um cafeicultor. Outros, prédios modernos, mas não tão bem apresentados como outros da cidade, com manutenção nitidamente atrasada. Os bares e restaurantes abriram espaço entre suas fachadas para comércios variados, como lojas de acessórios para celulares e estabelecimentos franqueados de perfumarias. Ela não podia esquecer que não era apenas um passeio agradável pelo centro da cidade, mas que estava lá para se impor, para demonstrar sua cidadania, para demonstrar sua identidade e aquilo que ela representava. Seus passos ficaram mais rápidos. Lembrou de quando tinha medo de correr com as botas, há muito tempo. Em pouco tempo, chegou na Praça Ramos de Azevedo, a parte favorita da caminhada. Ela pode ver o Theatro Municipal. Seu estilo era uma mistura de várias coisas, como era a prin-

cipal fonte em sua inspiração, o Ópera Garnier, em Paris. O Theatro Municipal era barroco, era renascentista, mas seguia conceitos de Art Nouveau. Vários jovens andavam de skate na frente do Theatro. Faziam manobras invejáveis enquanto ela atravessava a rua os observando. Se recriminou por não ter prestado atenção enquanto atravessava a rua, pois a tensão que havia contra pessoas que se vestiam como ela e usavam o bótomo do candidato que ela estava usando começara a se tornar assustadora. Mas ela se lembrava que não devia ter medo. Entrou na Rua Barão de Itapetininga numa parte em que praticamente não haviam-se residências. Apenas estabelecimentos comerciais dos mais variados tipos, como lojas, fast-foods, perfumarias, sorveterias, lanchonetes. Ela ficou com fome, mas achou melhor comer depois para não atrasar. O sol forte se escondeu atrás de prédios

Por: **Alaide E. Silva**



*Foto: Marcelo Zocchio, Rua 15 de Novembro São Paulo (acervo pessoal)*

## **O lugar do tempo, repaisaginando São Paulo**

### **Unindo dois tempos em uma só imagem**

Em entrevista à revista *Paulistana*, Marcelo Zocchio formado em engenharia civil e e depois de atuar como fotojornalista, vai para Nova York, e durante dois anos se especializou em fotografia no Centro Internacional de Fotografia. De volta ao Brasil em 1993, começa a desenvolver trabalhos fotográficos que problematizam aspectos sociais e urbanísticos da cidade de São Paulo que, do ponto de vista formal, se caracteriza sobretudo pela exploração de suportes variados e pelo uso de imagens sequenciais. Com atuação em publicidade e outros setores, mantém produção regular em artes visuais a partir da década de 1990. O período marca a entrada de uma nova geração de artistas, com formação em artes visuais e fotografia, ainda heterogênea, mas que parece distante das anteriores, tentando superar questões como a presença da fotografia nas artes visuais para problematizá-la como um dos traços da visualidade contemporânea.

Zocchio, toma parte nesse movimento seja em exposições no circuito institucional que acabam por promover a atualização de acervos, seja em espaços alternativos que começam a surgir, promovendo uma circulação paralela ao sistema institucional e ao mercado de arte, com os quais aqueles artistas manterão interações de diferentes gradações e modos. De modo geral, os trabalhos de Marcelo Zocchio discutem dois temas: as tensões vividas por habitantes de megalópoles contemporâneas e o estatuto de veracidade da fotografia. Em sequências de fotos feitas com a câmera parada, enfocando o mesmo lugar, mas cujo referente está em movimento ou se modifica, o artista articula noções de constância e transitoriedade, fixidez e fluxo. A estratégia de repetição do enquadramento ou do assunto frequentemente chama a atenção para a permanência de problemas urbanísticos.

Em 2005 Zocchio, participa da série de longa duração denominada Repaisagem, com outros artistas, constituindo em um conjunto extenso e complexo da cidade que surge como registro urbano, facilmente reconhecível. As imagens oferecem-se num viés banal, mas, repentinamente, com conceitos estéticos com atributos de uma obra de arte introduzindo um índice de perturbação, que põe em crise a percepção inicial. O que parece familiar, marca o espaço e seu uso, pois fruto de repetido registro e reprodução reiterativa na iconografia paulistana, surge como elemento estranho, reforçam a expressão temporal. Ao espectador, não necessariamente é um conhecedor da cidade, daquela região em foco, mas ainda assim agente ativo, o gatilho da ação artística é revelado. O estranhamento que aí tem lugar que surge ao identificarmos a imagem da rua, da praça é em verdade composta por fragmentos



**Foto: Marcelo Zocchio: AdesivAção  
São Paulo Terra Indígena (02/2022)**

de outros registros fotográficos, com índices materiais de diferentes períodos. A perícia da execução e a coincidência espacial de temporalidades distintas, baseada na marca indicial da fotografia, são aqui utilizadas para confrontar temporalidades sob uma mesma (como se fosse possível) espacialidade. Marcelo Zocchio, realiza o registro fotográfico como documento e o procedimento comparativo, através de ação em viés que evita o comentário direto e explícito a tais aspectos.

As cenas urbanas em pontos conhecidos da cidade são facilmente identificáveis. O perturbador, como comentamos na primeira parte do ensaio, é a tensão visual que surge repentinamente ao identificar-se que elementos da imagem são em verdade registros de outra temporalidade num esmagamento de camadas no tempo. O espectador, independentemente de seu conhecimento sobre a produção imagética utilizada ou sobre a história local, acaba por decodificar gestos, roupas e outros índices dessa “temporalidade invasiva”.



**Foto: Manipulação de imagem.  
Marcelo Zocchio (acervo pessoal)**



*Foto: Capa do Livro  
Repaisagem São Paulo  
(livrosdefotografia.org)*

No final de 2011, a empresa Nielsen (líder mundial em medição, dados e análises de audiência), aprova o projeto de Zocchio que terá como objetivo "Unir dois tempos em uma só imagem", por acreditar que estaria oferecendo aos seus leitores uma pesquisa atualizada de São Paulo, onde a empresa se instalou desde 1970 e que pudessem transitar entre passado e presente, atualizando imagens de nossa memória histórico cultural. Em 2012, o fotógrafo lança seu livro **REPAISAGEM SÃO PAULO**, reunindo 30 repaisagens e mostra aspectos da história da cidade de São Paulo nos

últimos 140 anos. Um encarte que permite ao leitor aproximar cada montagem das imagens antigas e atuais que deram origem a ela. Três mapas, de 1897, 1930 e 2016, oferecem indicações que possibilitam visitar os locais fotografados, além de índices de seu crescimento transformação.

### **Técnica utilizada**

Zocchio primeiro trabalhou em preto e branco, cuja dramatização e conceito estão instaurados na liturgia da arte contemporânea e inclui como elemento diferencial ao factual a transitoriedade do tempo, feita de maneira assumida

em fusões com imagens de diferentes décadas do mesmo local fotografado. Assume diretamente a transformação da paisagem paulistana.

A questão temporal é algo que impele muitos criadores ao desafio de, ora se entregar ao conceito como forma de representação, ora como opção por manter uma imagem com longevidade suficiente para cumprir seu papel, seja na arte ou no documental. Zocchio absorve as duas propostas e sugere ao observador várias leituras sobre o mesmo tema.

O arquiteto e crítico Guilherme Wisnik, que escreve sobre Repaisagem São Paulo, vai buscar em Levi-Strauss (1908-2009) uma abordagem interessante sobre a transitoriedade da paisagem paulistana imbuída de precariedade e opulência. Para o filósofo francês, no livro *Tristes Trópicos*, publicado originalmente na França em 1955, as cidades da América tendem a passar

da barbárie à decadência sem conhecer a civilização.



*Foto: Manipulação de imagem. Marcelo Zocchio (acervo pessoal)*



*Foto: Marcelo Zocchio  
Por: Christina Rufatto (siterg.uol.com.br)*

Essa simultaneidade das informações visuais, vislumbrada no trabalho de Zocchio, também é abordada por Sergio Burgi, diretor da área de fotografia do Instituto Moreira Salles.

Coincidentemente ou não, muitas das imagens em *Repaisagem São Paulo* também promovem o confronto entre os limites do urbano mais atual retratado pelos edifícios e aquele mais antigo, representado pelas largas avenidas e pelo pouco de verde que a cidade ainda dispunha nos tempos de Guilherme Gaensly (1843-1928), um dos fotógrafos cujas imagens o artista se apropria. Isso fica nitido quando se vê a avenida Paulista de 1900 e a de 2012. Releituras ou não, o trabalho é eficiente na proposta ao confrontar questões muito contemporâneas que ultrapassam os limites do documental para provocar uma reflexão sobre a entropia (é uma importante grandeza física para medir o grau de desordem de um

sistema, na qual São Paulo navega. Embora esse caráter filosófico apareça, e na estética forjada por eles que a fotografia se sustenta como arte de qualidade. No ano de 2021, o Instituto Moreira Sales (IMS), conhecido por ser uma instituição singular na paisagem cultural brasileira, promove oficinas com o nome "O lugar do tempo" criado por Marcelo Zocchio, artista visual, fotógrafo que atualmente também se dedica à arte da marcenaria. As oficinas apresentam pesquisas preliminares de eventuais fotos antigas dos bairros de São Paulo com o objetivo de encontrar o local exato onde fotografias antigas foram tiradas, a fim de oferecer uma experiência lúdica de comparação entre as imagens antigas e as paisagens atuais da cidade. A oficina pretende provocar no participante um vislumbre de retorno ao passado e estimulá-lo a produzir trabalhos relacionados com a atividade com saídas a pé pela cidade de São Paulo.





*Foto: Comício Diretas já, Praça da Sé  
Por: Rogerio Reis (VEJA)*

1984



*Foto: Av. Paulista, São Paulo  
Por: Fábio Menegatti (Record TV)*

2022

Segundo Zocchio, cada oficina é contemplada pelos insights do próprio grupo. São eles que trazem fotos para vivenciar suas próprias experiências em um lugar no tempo escolhido por eles. Zocchio, compartilhou conosco, que neste último encontro um dos participantes, chamado Lourenço Queiroz, trouxe fotos da cronologia das manifestações realizadas por São Paulo nas campanhas do "Diretas Já" em 1984, e foi interessante a jornada pelos mesmos lugares em 2022.

### Projeto Futuro

Seu próximo projeto será encaminhar à prefeitura um

estudo com a possibilidade de efetuar a leitura de um código QR, bastando apontar a câmera do dispositivo móvel para o código. Dessa forma, o usuário terá acesso as fotos dos históricos que ocorreram naquele local, criando assim

# Um Lugar no Tempo.

**Por: Catarina Frota**



## ***Bicentenário da independência***

### ***A Reinauguração da história***

No último dia 7 de setembro, foi reinaugurado o museu da independência em São Paulo, após 9 anos fechado para reformas, o público pode voltar a visitá-lo e conhecer um pouco mais da história da Independência que foi uma das mais importantes para a formação de nosso país. Mas será que o que aprendemos durante as aulas de história é o que verdadeiramente aconteceu? Segundo o professor de História, Rafael Lozano, nas escolas de sistema privado onde ele deu aula, se vê mais a fundo esse conteúdo passando por todos os "trâmites" desse processo, já nos materiais do estado não se tem a atenção necessária para esta matéria, o que ele acredita ser o principal problema. É de conhecimento comum que o processo de Independência começou em 1821 e terminou em 1825, e apesar de não parecer uma guerra longa, foi cercado por violência de ambos os lados, mas na verdade desde 1808 quando a família real portuguesa fugiu das tropas francesas para o Brasil, já começaram os primeiros passos para a

*Foto: Edilson Dantas  
O Globo*

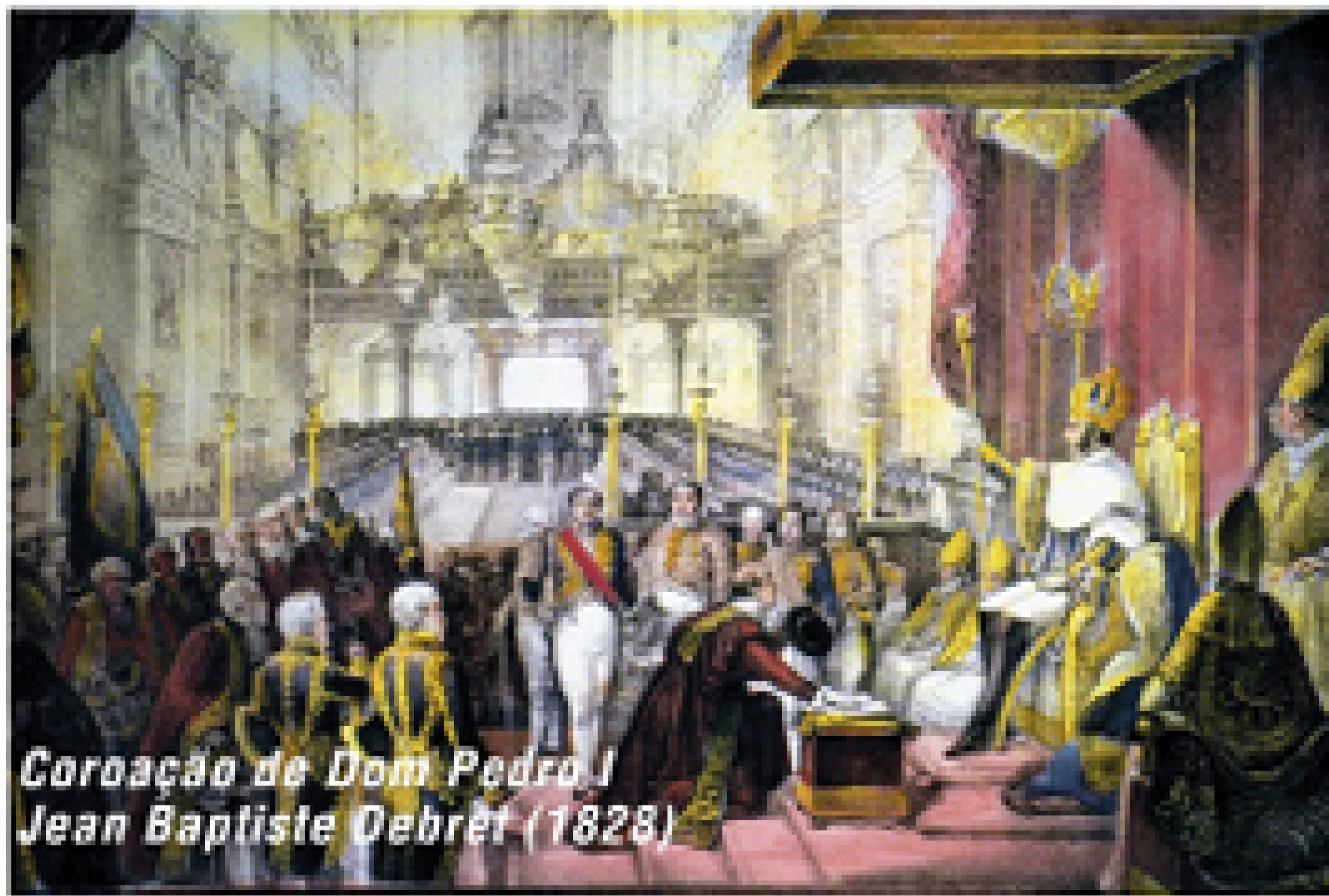


descolonização. Após a chegada da família real, D. João VI, rei de Portugal, implementou uma série de medidas que contribuíram para o desenvolvimento comercial e econômico nos grandes centros. Instalado no Rio de Janeiro, o rei português autorizou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, permitindo o comércio entre os brasileiros e os ingleses como medidas de destaque no âmbito econômico.

Essas mudanças demonstraram que o monarca queria que fossemos mais que uma

colônia, e a modernização do país resultou na declaração de 16 de dezembro de 1815, quando o Brasil se tornou parte do Reino Unido de Portugal. Além de ser uma tentativa de melhorar seu novo lar, já que agora a família real morava aqui, também foi uma forma de evitar a fragmentação da relação metrópole-colônia como estava acontecendo nos EUA e Inglaterra.

Mas a presença do Império no Brasil não agradou o povo, a principal forma de demonstrar essa insatisfação foi a Revolução



Pernambucana (1817), que devido ao grande aumento de impostos e a interferência na administração desta capitania os revoltosos invadiram o governo local, suas principais exigências foram: Proclamação da república, fim dos impostos, liberdade de imprensa, aumento salarial dos soldados, instituição dos três poderes e manutenção do trabalho escravo. Mas em 20 de maio acabaram se entregando aos militares fiéis do governo após muita

resistência. O capitão José de Barros Lima, um dos líderes da revolução, foi enforcado em praça pública e teve partes cortadas e expostas para demonstração de força dos portugueses, os outros condenados também foram enforcados ou fuzilados.

Após três anos dessa revolução, o rei D. João VI



*Maria Quitéria, em obra pintada por Domenico Failutti (1920)*

teve que lidar com outra, mas agora com as insatisfações dos portugueses, devido ao bloqueio continental na era napoleônica, Portugal passava por uma forte crise que se agravou com a corte sendo transferida para o Brasil e com o domínio Inglês, com a economia daqui crescendo e se desenvolvendo devido às novas propostas da família real, eles exigiam que acontecesse a recolonização para que a exploração rendesse o necessário para recuperar a economia .

Para reverter esse quadro, começou a ganhar força em Portugal ideais liberais, que defendiam a elaboração de uma Constituição, o estabelecimento de uma monarquia constitucional, a expulsão dos ingleses e a recolonização do Brasil. Isso fez com que, entre a burguesia, os militares e a nobreza, movimentos políticos comesçassem a se

reunir secretamente para promover mudanças no país .

A Revolução liberal do porto, como ficou conhecida, foi planejada por um grupo chamado Sinédrio, ligado à maçonaria, que se alinhou com os militares portugueses e deram início ao movimento. Como consequência dessa revolução foram convocadas as Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa que foram responsáveis por criar a constituição de Portugal e junto com ela as outras exigências foram: O retorno da família real, que o rei jurasse obedecer a constituição e a recolonização do Brasil; A notícia da revolução demorou cerca de 40 dias para chegar à D. João VI, e pressionado pelos acontecimentos resolveu retornar em abril de 1821 levando grandes quantidades de ouro e

diamantes dos cofres brasileiros, ao chegar lá seu poder foi reduzido drasticamente e aqui Pedro de Alcântara se tornou regente do Brasil.

Após a volta do rei, os portugueses começaram a exigir mais coisas como a transferência das principais instituições criadas para Portugal, o envio de mais tropas para o Rio de Janeiro e a exigência de retorno de D. Pedro, o príncipe regente. Ao decorrer dessas negociações criou um grande desafeto entre as duas nações aumentando ainda mais as idéias separatistas, o pedido de volta do príncipe teve uma reação quase imediata criando o Clube da resistência que durante uma audiência no Senado reuniu mais de 8 mil assinaturas exigindo que D. Pedro ficasse, surgindo a famosa frase "Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto; diga ao povo que fico" que não

se sabe ao certo se é verdade, segundo Rafael Lozano, a escassez de documentos e a maioria escrito pelo próprio D. Pedro, nos leva a ver apenas um lado da história, mas o que se sabe é que em janeiro de 1822 muitos ainda não tinham o desejo de quebrar o vínculo com Portugal.

As duas pessoas que mais influenciaram na decisão de Pedro foram: Maria Leopoldina, sua esposa e José Bonifácio de Andrade e Silva, ministro das relações exteriores do Brasil; Porém Maria Leopoldina tem pouco ou nenhuma retratação nos livros, de acordo com o professor "A maioria dos livros não trata desse tipo de coisa porque existe um patriarcado muito forte na historiografia". Também tem de exemplo a história de Maria Quitéria que foi uma grande heroína que se disfarçou de homem escondida de seu pai e foi lutar na Guerra de Independência levando a

vitória do Brasil sobre os portugueses após os acontecimentos do dia 7 de setembro apresentados mais para frente.

A separação ficava mais clara na medida que novas determinações foram escritas, em maio de 1822, foi decretado que as leis de Portugal só valeriam aqui se o príncipe concordasse, e no mês seguinte, foi convocada uma eleição para a Assembleia Constituinte do Brasil. A relação das Cortes portuguesas com as autoridades brasileiras permaneceu irreconciliável e prejudicial aos interesses dos brasileiros, ordens de Lisboa chegaram ao Brasil e anunciava-se o fim de uma série de medidas em vigor no Brasil e tidas pelos portugueses como "privilégios", e os ministros de D. Pedro eram acusados de traição. Essas ordens foram lidas por Maria Leopoldina, que prontamente viu que precisava declarar a

a separação de Portugal, então organizou uma sessão extraordinária e assinou a declaração de Independência, enviando-a para D. Pedro que estava a caminho de São Paulo, o mensageiro o alcançou na beira do Rio Ipiranga, onde houve o grito segundo alguns relatos, mas que não possui comprovação histórica.

Mas não foi no dia 7 de setembro que encerrou esta luta, ao contrário do que muitos pensam a história não foi feita de forma pacífica, depois deste dia iniciou-se a guerra de Independência, onde quatro grandes centros não quiseram aderir a separação, foram eles: Pará, Bahia, Maranhão e Cisplatina (atual Uruguai); "É muito engraçado que sempre que eu vou dar a história do Brasil muitos alunos não sabem nem que existiu uma guerra de Independência" - disse Rafael.

Na Bahia, um violento conflito se desenrolou entre 7 de setembro de 1822 e 2 de julho de 1823. Na região do Grão-Pará, a resistência contra o domínio imperial acabou deixando cerca de 1300 mortos, sendo uma parte destes mortos por asfixia no porão de navios capturados pelas forças de Dom Pedro I. A vitória do governo brasileiro na Bahia foi de fundamental importância para que outros levantes de menor proporção também fossem sufocados e se encerrassem em 1824. Como o Imperador não tinha muita força econômica para a contratação de exércitos para lidar com esses conflitos, acabou pedindo ajuda à Inglaterra, trazendo uma dívida enorme aos cofres brasileiros, além da dívida de 2 milhões libras como indenização aos portugueses.

As consequências desse movimento são destacadas por Lozano: "O jeito que a

gente ficou independente foi um jeito submisso, submisso a Portugal porque teve que pagar a dívida e o reconhecimento de imperador ao rei mesmo tendo vencido a guerra, submisso a Inglaterra porque ela só reconheceu nossa Independência mediante mantermos os benefícios que ela tinha conosco, submisso aos Estados Unidos devido a Doutrina Monroe da "América para os americanos" que mantinha o Brasil como quintal dos EUA, então é difícil dizer que a gente ficou realmente independente no dia 07 de setembro, (...) isso se reflete até na política atual, em alguns momentos da história tivemos governos entreguistas como foi no Dutra, foi no governo Bolsonaro que era entreguista na época do Trump, que se abria totalmente pros Estados Unidos. Então a gente ainda não conheceu de fato a liberdade, (...) até nos dias



atuais muita gente não conhece direito a história da nossa Independência e tudo mais."

## "Existe um patriarcado na historiografia"

### Curiosidades

#### Corneteiro Lopes

Entendeu errado quando a gente tinha supostamente perdido a guerra da Independência, mandaram ele tocar retirada e por engano ele toca atacar porque tava bêbado, aí os portugueses ficaram com medo achando que chegariam reforços por ele ter tocado atacar e começam a correr desordenados e aí a gente vence .

#### Independência ou Morte (Pedro Américo, 1888)

Um dos quadros mais famosos sobre a Independência não

representa a realidade,

#### Não houve guerra

Como citado pelo professor Rafael Lozano, muitos não sabem da existência da guerra de Independência, ou conflitos anteriores ao 07 de setembro, devido a heroicização desse momento pouco se fala sobre os conflitos violentos e punições severas aos contrários .

#### A Libertação do Brasil

Mesmo com a proclamação não fomos libertos das influências de Portugal, a Independência foi declarada por um português, que continuou no comando e só favorecia portugueses, tanto que no ministério de D. Pedro, ele só colocava ministros portugueses e usava dinheiro brasileiro para resolver problemas da família dele lá em Portugal.

**"A gente ficou independente de um jeito submisso"**

**Por: Arethusa Mol Semmler  
e Samira Moraes Brito**



## **Eventos pós pandemia e seus impactos**

Em 2020, devido ao impacto da covid-19 no Brasil, vários eventos culturais foram suspensos ou adiados em respeito às recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde), para conter a transmissão do vírus. Em 2022, com o avanço da cobertura vacinal e a queda de internações e mortes nas principais cidades do país, foi possível retomar as atividades suspensas segundo critérios de segurança pré-estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Muitos lugares começaram a exigir o comprovante de vacinação na entrada dos eventos, evitando o tráfego de pessoas não vacinadas, que comprovadamente têm mais chances de apresentar sintomas graves da doença quando ocorre a infecção. Além disso, devido às mudanças tecnológicas ocorridas durante a pandemia, os festivais tiveram que se preocupar mais com as mudanças de comportamento do público-alvo, ocorridas durante a

quarentena, que passou a consumir mais as redes sociais.

Para Rodolfo Medina, presidente executivo do grupo Dreamers, responsável pela organização do Rock in Rio, os aprendizados da pandemia ajudaram a estabelecer novas diretrizes para o festival, que incluem fortalecer a presença nas redes.

“Estamos estudando como aprimorar a experiência dentro do festival e criar situações memoráveis depois do grande período de isolamento. Além disso, sabemos que as pessoas não vão deixar de ir ao show ao vivo, mas elas passam a entender e valorizar mais o conteúdo digital. Assim, estamos mais preparados para as transmissões, publicações nas redes sociais e mais”, diz Medina.

A Praça TikTok, por exemplo, estrutura montada durante a 9ª edição do Rock In Rio deste ano, contou com uma programação

especial de tiktokers presentes no evento interagindo simultaneamente com as duas audiências, física e virtual.

Já o Lollapalooza, que aconteceu entre os dias 25 e 27 de março deste ano, firmou uma parceria com o Instagram. Para essa ação a marca desenvolveu filtros exclusivos para a comunidade e fazia reposts dos “lolla lovers” na página oficial do evento.

Estas ações refletem a preocupação crescente dos festivais de música de criar experiências memoráveis para o público que ficou em quarentena por quase dois anos. Para a produtora de eventos, Juliana Nery Braulio Santos, o engajamento da equipe organizadora é fundamental nesse processo:

“Para um evento acontecer você depende de uma estrutura e de muitas pessoas, então se uma pessoa não estiver engajada te complica e pode levar a erros no seu evento. Mas ao final do

processo, ver cada evento produzido com sucesso é uma gratidão incrível e uma felicidade que não sei se tem em outra profissão.”

Segundo um levantamento da plataforma de contratação de serviços GetNinjas, a demanda por shows no Brasil cresceu 276% no segundo trimestre de 2022. A jornalista Juliana Trindade, relata que já foi a 5 eventos desde a retomada das atividades culturais.

“Eu frequentei 5 eventos até agora neste ano, mas o que mais me marcou foi o Lollapalooza. Sempre tento aproveitar ao máximo estes momentos, criar memórias, que no final, acabam sendo experiências incríveis, faço muitas amizades com gostos em comum, além de poder presenciar meus artistas favoritos pessoalmente... Me sinto privilegiada”

Porém, apesar do otimismo com os números desse setor pós-pandemia, para Doreni Caramori, presidente da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos

(Abrape), ainda há desafios para a recuperação econômica :

“O resultado é bom, mas é importante olhar com cautela. A garantia da manutenção do padrão tem exigido um custo muito maior, já que o setor não demandou por dois anos e os profissionais precisaram se realocar – o montador de palco virou motorista por aplicativo. Então precisa terceirizar, contratar pessoas, o que diminui a margem do negócio”.

## Vida longa ao Belão

Por: Fabricio Oliveira

Meu caro leitor da revista Paulistana, sei que possivelmente você deve estar pensando que o texto que vai ler a seguir, se refere ao cantor Belo, mas esse não é o caso. O texto a seguir irá falar sobre cinema, mas não sobre qualquer cinema, estou falando sobre o Belão. Mas antes de explicar quem é o Belão, irei contar sobre a minha primeira ida ao cinema que foi maravilhosa, nunca vou esquecer de quando vi um filme na tela grande pela primeira vez, tinha apenas 7 anos, lembro que o filme em questão era Harry Potter e o cálice de fogo, fui em um cinema de shopping cujo as filas eram quilométricas e a quantidade de cartazes de outros filmes era enorme. O tempo foi passando e continuei frequentando o cinema de shopping, até que um dia nos meus 14 anos de idade, meu pai queria muito assistir a um filme que contava a história do piloto Niki Lauda e sua rivalidade com James Hunt, o filme não estava passando no cinema que costumávamos ir, então ele descobriu que ele estava passando em um cine-



ma que ficava próximo a avenida paulista e fomos lá conferir. Quando cheguei no cinema, vi que não haviam aquelas filas quilométricas e cartazes gigantes, era um lugar estranho onde todas as pessoas pareciam intelectuais e falavam de filmes cujo nunca ouvi falar, quando olhei o letreiro que dizia “Cine Caixa Belas Artes”, fiquei pensando que o nome era grande demais e sugeri ao meu pai que iríamos chama-lo de “Belão” (daí vem a ideia do título do texto). Assistimos o filme em uma sala muito mais confortável do que a de shopping, e aquele lugar que tinha achado estranho

começou a se mostrar muito receptivo e aconchegante. Quando cheguei em casa pesquisei mais sobre o tal Cine Belas Artes e comecei a me apaixonar pela história daquele lugar. Na pesquisa descobri que ele estava lá desde 1956 e havia passado por muita coisa, desde um incêndio até três fechamentos e o mais interessante é que ele havia sido reaberto em 2014, no mesmo ano que fui pela primeira vez. E daquela primeira visita, surgiu uma bela relação de amizade e amor entre este que vos fala e meu grande amigo "Belão". Foram tantas visitas que até me perco na conta, inúmeros filmes e histórias que vivi neste cinema, e foi lá que conheci muitas pessoas, desde amantes do cinema a funcionários que trabalhavam no local. Em 2018, surgiu a notícia que possivelmente o cinema seria fechado, pois a Caixa que na época era a patrocinadora do estabelecimento não havia renovado o contrato de patrocínio. Mas por ser tão querido não só por mim, o grande Belão arranjou um patrocinador no começo de 2019 e garantiu sua abertura por muitos anos na cidade de São Paulo, por conta disso fui come-

morar assistindo pelo menos 10 filmes no decorrer do ano. A minha relação de amizade com o Belas Artes foi interrompida por conta da pandemia de COVID-19, fiquei 3 anos sem visitar meu querido amigo, o que me trouxe muitas saudades. Mas no começo de 2022, quando as coisas melhoraram referente a pandemia, fui assistir um filme e reencontrar meu grande amigo. O filme era bem fraco (tanto que nem lembro o nome), mas mesmo assim valeu a pena pois tive meu momento junto ao Belão que para um senhor de 66 anos ele continua mais vivo do que nunca. O Cine Belas Artes é um lugar mágico, que por si só já merecia um filme, um cinema diferente, que merece ser visitado, contemplado e respeitado como um patrimônio cultural da cidade de São Paulo e que encanta a todos que o visitam. Os anos se passam, ele já sofreu um incêndio, foi fechado três vezes e continua resistindo ao tempo e nos ensina que a história e a cultura são coisas que nunca serão tiradas de uma cidade. Vida longa ao meu querido Belão, que você resista por muitos e muitos anos.

**Por: Camilla Santos,  
Camilly Vairo  
e Igor Uliana**



Kindle imagem ilustrativa  
(Getty Images)

## **A influência das redes sociais no consumo de livros digitais**

### **A febre dos vídeos curtos chegou aos ebooks**

Você já leu um ebook? Esse tipo de material nada mais é do que uma versão online de diversos livros físicos ou livros especificamente digitais. Com a pandemia, o acesso a locais de leitura ficou restrito e essa foi uma das principais opções dos leitores para continuarem consumindo seus livros de forma segura e sem sair de casa. A divulgação dos ebooks se tornou muito forte nas redes sociais, principalmente em formato de vídeos para TikTok e Instagram. O conteúdo exibido ajuda os leitores a descobrirem novas histórias, críticas aos livros e também lançamentos. De acordo com a booktoker Jéssica Martins, durante a pandemia, os vídeos curtos estavam sendo muito consumidos por ela e isso a influenciou a criar seus próprios vídeos juntando trends com livros de sua preferência. Com esse aumento dos vídeos, entre 2019 e 2020, houve um aumento de aproximadamente 80% no consumo de ebooks. Jéssica cita que esse crescimento foi realmente perceptível

transformando o que era apenas um hobby, em sua atual profissão. Até os tempos de hoje, o consumo continua alto e tem grandes possibilidades de crescer ainda mais.

Dentre os livros mais lidos no Brasil, os gêneros de Não Ficção e Educacionais se destacam. Em uma conversa com a escritora de romance Jéssica Luiz, as redes sociais servem como uma espécie de vitrine para divulgação dos livros. As redes se tornaram o principal ativo de influência, substituindo os antigos meios de divulgação como a mídia televisiva.

Agora, quando falamos dos ebooks em si, o aumento consecutivo se deu por conta da praticidade de publicar um novo livro, em plataformas digitais, como o Kindle Unlimited. A autora diz que a principal vantagem desse método é

**"A liberdade de escolha e autonomia no meu trabalho, escrever é criar. (...)"**

**De grosso modo quero vender os meus livros sem alterações e diminuições e isso pode acontecer dependendo do lugar que você vende a sua arte."**

Tanto a booktoker quanto a escritora dizem ser consumidoras dos vídeos curtos sobre ebooks. Isso mostra que esse tipo de conteúdo alcança, não somente os leitores, mas sim também quem escreve os livros. A literatura nacional vem crescendo principalmente por conta dos vídeos, que ajudam na divulgação, já que muitos autores e autoras não contam com apoio de editoras.



*Kindle imagem ilustrativa  
(Getty Images)*



Por: Raphael Odilon



## Cosplay, inspiração e representatividade

### Entenda o universo que vai além da fantasia

Drielly Pires é uma jovem nerd mineira de 25 anos, vivendo em São Paulo, que tem um hobby um tanto quanto curioso. Você já ouviu falar em cosplay? Pois bem, para essa profissional da área de seguros, formada em história, outra de suas paixões, é o cosplay que se tornou mais do que um hobby, hoje é seu trabalho. Graças ao cosplay, que é a arte de se caracterizar e interpretar um personagem pelo qual você tem alguma identificação, Drielly se tornou mais do que uma profissional da área de seguros, hoje ela é digital influencer e criadora de uma das principais marcas de action figures do país. Filha de uma professora de história, de quem herdou a mesma paixão, Drielly desde sempre não escondeu o quanto era apaixonada por cultura pop, video games, filmes, seriados, quadrinhos e hoje pode dizer que dá vida a diversos personagens conhecidos nessa cultura que ela sempre amou, isso tudo graças ao cosplay.

Mas se engana quem acha que isso tudo é fácil, nós da Paulistana tivemos o prazer de conversar com ela que abriu para nós o lado bom e ruim e as principais dificuldades enfrentadas por uma mulher negra e LGBTQIA+ nesse universo. Que às vezes pode até parecer história infantil, mas que tem pautas importantes da vida real, como preconceito, racismo e representatividade.



*Foto: Drielly Pires  
(São Paulo, 2022)*

**Revista Paulistana:** O que te levou a decidir fazer cosplay?

**Drielly Pires:** Bom, eu estava

em um evento chamado Anime Friends e conheci um cosplayer que estava de Alucard, de um anime chamado Hellsing, que eu estava assistindo na época e estava apaixonada, e ele estava interpretando o personagem, até no jeito de falar, todos os trejeitos e eu fiquei impressionada com aquilo, pois ele não estava apenas “fantasiado”, mas também estava interpretando e foi aí que eu entendi o que é o cosplay, que não é só uma fantasia e sim a arte de você interpretar, de jogar aquele jogo de interpretação, e foi dali que eu olhei aquele cosplayer, olhei o que ele estava fazendo e falei: Vou ser cosplayer.

**RP:** Qual o ponto fundamental na escolha de um personagem?

**DP:** O principal é o meu apego ao personagem, até porque fazer cosplay leva muito tempo, dinheiro, então você precisa primeiro gostar daquele personagem de verdade, porque senão você vai ficar com um traje que foi caro e você não sente

tanto amor ao interpretar, pois para ser um bom cosplayer você precisa conhecer bem o personagem para poder interpretá-lo com maestria, por isso acredito que o principal é você realmente gostar do personagem, ao ponto de amar para poder investir o seu dinheiro nisso.

**RP:** Qual a principal dificuldade que você já enfrentou nesse meio?

**DP:** A principal dificuldade que enfrentei nesse meio é que ainda hoje se tem muito preconceito com o corpo, com cor de pele, e isso não estou me referindo a cor de fantasia como azul, amarelo, verde, rosa, mas sim da pessoa ser negra ou ser branca, a gente ainda tem muito problema com isso, ainda enfrentamos muito racismo nesse meio também pelo fato das pessoas brancas que querem pintar a pele, fazer blackface, fazer wisan fishing, que é essa puxada do olho, não entender que o cosplay é interpretação, então você não precisa

querer se desfigurar para interpretar aquele personagem, o importante é o estilo dele, como você interpreta, as vestimentas, isso é o ponto chave em ser um cosplayer, e acredito que isso é o principal problema que enfrentamos, pois quando eu por exemplo faço um personagem que originalmente seria branco, seria asiático, ainda escutamos comentários como: -"nossa ele não se parece com você.", -"nossa você é muito magra para esse personagem", -"você é muito baixinha"

Então acredito que esses comentários maldosos são um dos principais pontos negativos do mundo cosplay e que traz uma certa dificuldade, porque se eu quero fazer uma personagem que é branca, já penso duas vezes antes, pois já sei os comentários que vou receber, o preconceito da mídia já que por exemplo, para uma pré-estreia, para um job, eles não vão querer contratar uma Viúva Negra sendo interpretada por uma

mulher negra, ainda temos muito isso no mercado.

**RP: Como você vê a escolha de uma pessoa (cosplayer) branca em interpretar um personagem negro ou o contrário? Isso é comum?**

**DP:** Isso não é comum, não vejo acontecendo tanto, pois vivemos em uma sociedade que hoje ainda é majoritariamente racista, então a gente sabe são poucos os personagens negros, então algumas pessoas ainda têm o feeling de pensar, vou deixar para uma pessoa negra interpretar a Tempestade, o Super Choque; mas eu não vejo problema em fazer, até porque como disse antes, fazer o personagem é sinal que você o ama, é uma forma de demonstrar carinho por ele, então esse acaba sendo um tabu muito grande, mas em níveis diferentes. Um exemplo disso é que o fato de uma mulher branca fazer a Tempestade, vai ser visto como uma coisa bonita, uma coisa icônica,

e ela vai acabar sofrendo menos com isso do que eu por fazer uma personagem que é originalmente branca, porque vão sempre falar que não combina com você, que você deveria interpretar outro personagem, então são olhares totalmente diferente, pois por estarmos nessa sociedade majoritariamente racista, a pessoa branca sempre vai conseguir fazer isso com mais facilidade.

**RP: Como é a receptividade do público nos eventos com os cosplayers?**

**DP:** É sempre muito boa, é claro que isso depende muito do cosplay que você está, pois cosplays mais populares chamam mais atenção, mas de um modo geral as pessoas sempre olham, sempre pedem foto, mas isso é algo que depende muito também do evento que você está e qual o foco do evento, mas geralmente é muito boa e muito tranquila, salvo que dependendo do evento a gente pode ter um público mais leigo o que pode

acabar gerando alguns atritos, principalmente se você estiver com algum cosplay que acabe mostrando alguma parte do corpo, que é um pouco mais colado, então sempre acaba tendo alguma pessoa que vai acabar fazendo algum tipo de comentário sobre o seu corpo.

**RP: Qual a importância do crescimento de personagens negros na cultura pop para representatividade?**

**DP:** Isso é um ponto interessante porque entra muito daquela coisa de se ver no personagem, toda vez que eu uso meu Miles Morales, que é um genderbender, que nada mais é do que pegar um personagem masculino e transformar em feminino, quando eu o uso em evento vem muita menina preta pequena querendo tirar foto e falando que também sempre quis ser o Homem-Aranha, então a personificação da imagem dessa criança, dela se ver pois eu sou parecida com ela, tanto no cabelo, na cor

da pele e etc., isso ajuda muito, pois quanto mais inserirmos esses personagens nas mídias, mais conseguiremos criar essas representações tanto em cosplays, quanto em quadrinhos e etc.

**RP: Como você enxerga a troca de etnia de personagens em adaptações?**

**DP:** Isso é algo que sempre aconteceu, não é uma coisa nova, principalmente quando o personagem é asiático e vai ser adaptado por um americano e passam por cima da etnia, mas uma coisa que é importante é que um personagem branco é muito mais fácil você substituir por qualquer outra etnia, mas substituir um personagem asiático, um personagem negro ou indígena por uma pessoa branca você tira a subjetividade daquele personagem, porque historicamente o racismo vem afeando todas as etnias não-brancas, então quando você substituir um personagem branco por um negro, você terá de inserir

toda a carga que aquele personagem vai carregar, ou seja, racismo, preconceito, mais dificuldades que um personagem branco.

**RP:** Como é para alguém da comunidade LGBTQIA+ estar no meio cosplay?

**DP:** Tirando todos esses preconceitos que permeiam tanto nós negros, LGBTQIA+, a gente consegue se expressar melhor, interpretar o personagem que a gente quer, a comunidade saudável do cosplay ela abraça muito todas as



**Foto: Drielly Pires  
(interpretando Miles Morales)**

etnias, então estar no meio cosplay para a pessoa LGBTQIA+ é algo libertador.

**RP:** Qual conselho você daria para aquela pessoa que gostaria de entrar para o meio cosplay, mas tem algum medo ou receio?

**DP:** Fazer cosplay sempre é uma dificuldade pois você vai gastar de uma forma ou de outra, gastar menos, gastar mais, mas vai ser um investimento, pois se você tem vontade de fazer cosplay, vai pegar aquele personagem que você ama muito e vai interpretar ele e vai ver que cosplay é sobre isso, que você não precisa ter medo, você é quem você é, só vai representar aquele cosplay da melhor forma que você puder.

Todos os meus cosplays eles têm algo a ser melhorado e eu estou sempre melhorando eles, então não existe cosplay perfeito, o cosplay é um processo, tanto em questão de roupa quanto interpretação, você vai sempre melhorando, então

se você tem vontade de fazer cosplay pesquise, planeje, faça com calma, não faça em cima da hora pra ir pra evento, isso vai te dar dor de cabeça, vai sair mais caro, então planeje, faça com calma que vai ser uma experiência incrível e única na vida.

Hoje podemos perceber como nada é tão fácil ou simples quanto pode parecer e é por isso que devemos sempre respeitar o trabalho do próximo, por mais "simples" e "bobo" que ele possa parecer para você, é preciso procurar informações, procurar entender o processo, as adversidades, pois quando vamos a um evento, a uma loja ou festa e vemos aquele cosplayer ali, nem imaginamos todo o trabalho que eles têm antes daquele momento onde estão entretendo o público. É como a Drielly disse, o cosplayer precisa começar a ser mais valorizado, mais visto como produto, como profissão, afinal não é só uma fantasia, tem muito

mais por trás, tem muito amor e muita dedicação de alguém que investe muito tempo e dinheiro naquilo, enfrentam situações preconceituosas cada vez mais escancaradas em um momento que deveria ser mágico, tudo pura e simplesmente porque amam o que fazem, amam estar ali. Por fim, gostaríamos de encerrar essa entrevista com uma frase que traz uma mensagem muito importante: Respeite o cosplay e respeite o cosplayer.



*Foto: Drielly Pires  
(interpretando personagem  
de Dragon Ball Super)*

Por: Luana Oliver  
e Beatriz Costa



Foto: Alex Ferraz/ A Tribuna Jornal

# Álbum da Copa

## *Vale a pena pagar pela nostalgia?*

O Álbum da Copa é uma paixão nacional. Desde de 1970 o hábito de colecionar figurinhas do Álbum da Copa do Mundo é um sucesso garantido entre os amantes e não amantes do futebol. A edição de 2022 chama atenção por desafiar o seu próprio tempo, pois com a era da digitalização de produtos e serviços, as pessoas ainda continuam com o hábito de colecionar figurinhas, o que traz um sentimento nostálgico em meio a uma sociedade modernizada. Apesar do ato de colecionar ser uma “febre”, as pessoas estão esbarrando em um grande obstáculo: o preço das figurinhas que está em R\$4,00, justamente o dobro do preço cobrado na edição anterior, na Copa do Mundo de 2018.

### **Sentimentalismo de colecionar**

Nos dias atuais, com aplicativos e sites onlines de vendas, frequentar bancas de jornais não está mais tão presente na rotina do brasileiro. Luis Campos, dono de



banca de jornal na região da consolação, enxerga os álbuns e suas figurinhas como uma oportunidade para um aumento nas vendas. De acordo com o vendedor, as bancas estão sendo esquecidas em relação a outras mídias e com as figurinhas de 4 em 4 anos o público acaba por frequentar as bancas na busca para completar seus álbuns, em meio a isso vem junto uma troca de lembranças, para aqueles que a cada copa voltam nas mesmas bancas e são reconhecidos pelos donos. Para Gabriel Ramos, que é um colecionador de álbum de figurinhas da Copa do Mundo desde 1998, ele afirma que continua com o hábito de colecionar, por conta da sensação e da interação que ele tem com as pessoas, seja na hora de comprar os cromos na banca ou trocá-los com amigos e em pontos de trocas.

Além disso, ele comentou que o fato dos pacotes serem vendidos a R\$4,00 reais em 2022, dificultou para muitas pessoas seguir o hobby, mas como ele está

atualizado no assunto, relatou que mesmo assim tem visto muita gente se movimentando para comprar o álbum. O colecionador revelou que se empolgou e já está completando seu terceiro álbum, isso porque acredita que nas próximas copas ele poderá usá-los como moeda de troca para ter um próximo álbum completo.

## **Economia**

O preço das figurinhas foi aumentando ao longo dos anos, por causa de fatores como a inflação e desvalorização do real. O valor do álbum até subiu abaixo da inflação nesses 20 anos (208%, contra 239% do IPCA), mas isso porque ficou “congelado” em R\$3,90 entre 2002 e 2010. Desde então, o preço do álbum mais que triplicou, contra um IPCA de 177%. Já o dos pacotes de figurinhas disparou de R\$0,50 em 2002 para R\$4,00 em 2022, havendo uma alta de 860% em 20 anos, isto segundo informações do portal

## **Trades4al**

Em uma nota oficial

## PREÇO DAS FIGURINHAS AO LONGO DOS ANOS

2002

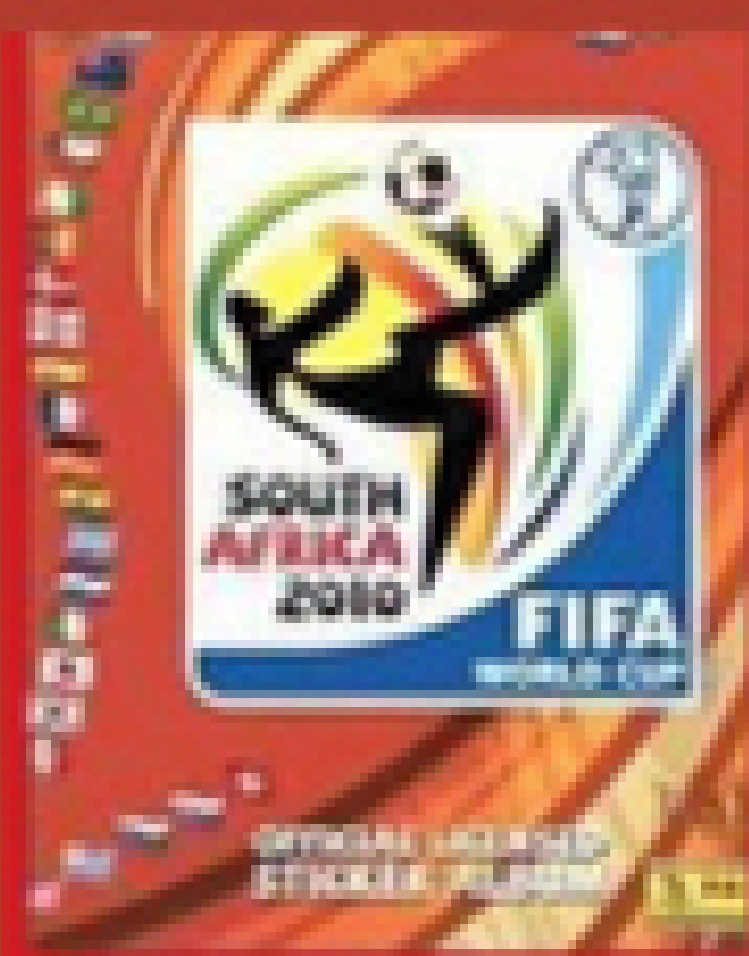
2006

2010

2014

2018

2022



0,50

0,60

0,75

1,00

2,00

4,00

divulgada pela Panini, a editora afirmou que mantém o preço dos produtos há dois anos entre R\$03,50 e R\$04,00, valor este alinhado e praticado em toda a América Latina". Como cada pacote custa R\$4,00 e sendo necessários, no mínimo, 134 pacotinhos para conseguir as 670 figurinhas, o custo mínimo necessário para completar o álbum é de R\$542,00 contando que o colecionador compre as figurinhas exclusivas da **Coca-Cola** e consiga trocar as figurinhas repetidas,

segundo dados levantados pelo portal **Ne 10**. Dessa forma você deve estar disposto a trocar bastante figurinhas se quiser economizar, mesmo assim, especialistas consideram que o valor para preencher 100% do álbum ultrapassa facilmente os mil reais. E aí, você está disposto a gastar isso tudo?. Como você viu, é mais que necessário trocar as suas figurinhas repetidas se quiser completar o álbum. Por isso, nós Paulistana fizemos uma lista de locais onde você poderá trocá-las.



## Pontos de troca

**Shopping Anália  
franco**

**Shopping Metrô  
Santa Cruz**

**Shopping  
Morumbi**

**Shopping Metrô  
Itaquera**

**Shopping Mooca  
Plaza**

**Shopping  
Boulevard Tatuapé**



*Imagem com os locais de pontos de troca em São Paulo  
(Arte: Beatriz Rodriguez)*

**Por: Ana Carolina Moura**



# Tasha e Tracie

## as novas promessas do Rap nacional

De camelôs a novas potências do mundo do rap, as gêmeas de 26 anos vem cada vez mais se mostrando ao mundo. Nascidas no Jardim Peri, na zona norte de São Paulo, as irmãs Tasha Okereke e Tracie Okereke têm um elo forte com moda e música. Tasha e Tracie são filha de mãe brasileira e pai nigeriano e foi nessa mistura de diferentes tipos de cultura que nasceu o gosto das irmãs por moda e música. "Meu pai sempre se vestia muito bem", disse Tasha ao documentário *Beyond the Beauty With Grace Neutral de 2016* para a revista britânica I-D. Tudo começou com a criação do blog *Expensive Shit* onde elas atuavam como colunistas e falavam de ativismo, cultura, música e moda acessível como forma de expressão e resistência para jovens pretos e periféricos. E as duas também fazem parte do coletivo MPIF (Mulher Preta Independente de Favela).

Com o tempo esse blog foi ganhando notoriedade e as gêmeas começaram a se popularizar na internet e foram as primeiras brasileiras a sair no blog *Afropunk*, o blog do maior festival de cultura negra do mundo. Em 2019 veio o primeiro ep da gêmeas, o Rouff (palavra que faz parte do vocabulário das gêmeas e de seus fãs) com colaboração da Ashira (cantora, produtora, diretora executiva e criativa), o ep foi bem aceito pela crítica especializada e pelo público, mas foi em 2021, no meio da pandemia em que o Diretoria veio. O álbum Diretoria contém 7 faixas com produção de Pizzol, Mu540, CESRV e Devasto, produtores conhecidos no cenário do rap. O Diretoria é uma boa mistura de funk, pop, rap e trap. O ep também conta com muitas letras sobre a valorização de mulheres pretas e ostentação, trechos como “Qual que é a fita dessas mina? A sua moda é nós que dita” trecho retirado da música SUV, e “Foco no progresso, 'cê já

sabe, é as mais-mais”, trecho retirado da música Cheat Code. Também em 2021 elas foram selecionadas para o projeto #YoutubeBlack Voice 2022, um projeto onde tem o objetivo de celebrar a cultura negra, junto delas também foram selecionados outros artistas como Rico Dalasam, Liniker e Jonathan Ferr. Por abordarem temas importantes e necessários, Tasha e Tracie têm um público caloroso e cada vez maior.

Conversamos com a Kezia Carvalho de 19 anos, dona do perfil @ptashatracie, um perfil no twitter com mais de 4mil seguidores dedicado para as gêmeas. Na nossa conversa Kezia explica o porquê é fã delas, “ser rouffer (nome do fandom) pra mim é tão especial que não consigo expressar. Todas as vezes que perdi o norte fui salva por elas pela música ou por essa relação linda de amizade que ela tem com os fãs”. Ela também nos contou qual a música favorita dela e o porquê?

“minha música favorita é Poco porque me tocou desde a primeira vez que ouvi.”, a música citada por Kezia como sua favorita tem como tema principal críticas às publicidades de grandes empresas que vem se mostrando ser antiracista mas que no fim não sem importa com o público negro, “Empatia só pra vender seu marketê (marketing)/ Fala pra mim por mim não fala/ Ceis deixa claro que/ Noiz é público alvo/ Alvo de bala”, trecho da musica Poco.

E por fim ela comenta o que mudou depois que começou a ouvir elas, “desde que comecei a ouvir e acompanhar as meninas me senti muito melhor comigo mesma. tudo mudou, da minha autoestima até minha visão de mundo e meus anseios. Elas têm mudado minha vida desde os meus 16 anos e sempre serão minha maior referência”.

Também conversamos com o Gabriel Conceição de 22 anos e o Pedro Henrique Golçalves de 23 anos que

também são donos do perfil @supportokereke no twitter, eles comandam a página que contém mais de 2mil seguidores .

Fizemos as mesmas perguntas para Gabriel e Pedro e em 2 de 3 perguntas tiveram a palavra representatividade, “Representatividade, esse seria o nome certo. Pois as meninas vieram da favela, e mesmo com todas dificuldades e da falsa meritocracia do nosso país, elas vêm sendo reconhecidas pelo um trampo delas na qual dá uma auto estima pra mim, sou homem gay, porém preto e isso é gratificante, ver que os meus estão conquistando espaço. São as *mais mais* não tem jeito! Originais tanto no Rap quanto no Funk, elas trazem uma fusão e toda ancestralidade.” respondeu Gabriel.

Já Pedro respondeu “representa que, graças a elas que tem um valor simbólico gigantesco para nossos corpos periféricos, que garantem um espaço de protagonismo para



Foto: [Twitter.com/festivalcena](https://twitter.com/festivalcena)

narrativas e estéticas da quebrada, que estão em locais de marginalização e invisibilidade por sermos ser oq somos, elas nos inspiram e são muito importantes pra nós, e ser fã delas é apoiar esse movimento, para que ele continue a dar essa auto estima e espaço para os nossos com todo nossos valor e ancestralidade, assim como aconteceu comigo!

Agora, quando perguntados qual era a música favorita das irmãs, Gabriel respondeu “Essa me pegou risos, porém SALVE essa música já me salvou em momentos muito difíceis, e me dá uma

confiança e esperança, sem falar a representação nas letras né?! ...’Neguinha canela cinza, hoje com vários adidas’ essa música com certeza é uma das minhas favoritas.” Para Pedro, sua música favorita é Cachorraz Kamikaze, “foi a primeira música que ouvi delas e conheci o trabalho delas, ela é a minha favorita pq foram nas narrativas de cachorraz Kamikaze que eu me identifiquei com elas e me conectei, na música fala muito sobre essa revolta que existe no peito de todo favelado sobre toda essa apagação histórica que sofremos do preconceito e do sistema!”

Por último eles falaram o que elas significam para eles o que mudou depois que começou a ouvir elas, para Gabriel foi a autoestima, "AUTOESTIMA! Nossa comecei a me achar mais bonitos em alguns aspectos, nariz, boca e etc...e vestimenta também..E no sentido de não parar de lutar que o nosso corre é longo mas iremos conquistar!" e em relação a Pedro foi no sentido de novo jeito de se enxergar "passei a enxergar mais o meu valor, graças ao espaço de narrativas e protagonismo periférico que elas nos dão em cada linha, fez com que eu resgatasse minha auto estima e ancestralidade na minha cultura que é tão marginalizada e invisibilizada"

"Quando definimos a nossa música, é aquela que queríamos ter ouvido quando éramos mais jovens"

conta Tracie.

## "Tudo que é negro e periférico"

Tasha resume, sobre suas influências. Em entrevista ao Metropolis, 2021.

As gêmeas fizeram uma participação no álbum musical Lady Leste, da cantora Gloria Groove, parceria lançada no início de 2022. Elas também participaram de grandes festivais em 2022, um dele foi o Cena 2k22 que é um grande festival de rap e trap para milhares de pessoas. O festival que foi realizado em São Paulo e no Rock In Rio, o primeiro show foi no dia 10 de setembro e elas também fizeram uma participação no show da Ludmilla, que foi considerado por muitos um dos melhores shows do festival. Além disso, elas foram indicadas ao BET Hip Hop Awards, elas estão concorrendo ao prêmio "melhor flow internacional" e estavam concorrendo com artistas de outros países como: França, Canadá,



África do Sul e entre outros. Elas não venceram a categoria a que estavam concorrendo mas mesmo assim dá pra ter noção de onde a dupla vai chegar.

No momento elas têm mais de 580 mil ouvintes mensais em uma plataforma de música e mais 14 milhões de visualizações em seu canal do YouTube e pelo visto vão crescer ainda mais, já que nas redes sociais elas vem comentando sobre um novo álbum.



*Foto: letras.mus.br/tasha-e-tracie*

***Por: Fabricio Maia***



# ***Vida de DJ***

## ***O dia a dia de um artista independente***

Nascido em 1999, na zona sul de São Paulo, Jhonatan Santos, conhecido pelo seu nome artístico Jhow Beatz, é um DJ em ascensão na música brasileira. Ele é conhecido por produzir ritmos e melodias diferenciadas para seus compositores, em que em sua grande maioria são rappers que estão começando a fazer parte do universo do Hip-Hop. Em meio muito diverso e vasto do rap nacional, Jhonatan se destacou por alguns projetos que realizou, além de ser uma pessoa bem influente no Grajaú, São Paulo. Mas apesar da influência que o mesmo possui, as dificuldades encontradas por produtores independentes como Jhow, ainda são muitas. Em uma entrevista exclusiva concedida à revista Paulistana, ele contou sobre a vivência dele e sobre as dificuldades encontradas no meio artístico independente. Além disso, o músico também contou sobre os seus pensamentos e planos para trabalhos futuros.

**Revista Paulistana: Quais são as maiores dificuldades e desafios de ser um artista independente ?**

**Jhow Beatz:** Eu acho que as dificuldades e desafios te fazem ficar mais forte ao longo dos anos, mas mesmo assim elas me atingem de diversas formas. No meu ver a melhor forma de comunicação é o "boca a boca" das pessoas e as exibições ao vivo. Um grande exemplo disso são os shows promovidos aqui perto, pois é por meio dele que as pessoas conhecem os novos talentos da música e com isso, os novos gostos musicais que seriam criados por meio desses shows, são deixados de lado por shows de artistas mais conhecidos. O meio artístico é cruel, pois os grandes artistas não sofrem tanto assim com a falta de recursos, agora nós do meio independente pessoalmente sofremos muito com a falta de público nos shows e com isso a nossa divulgação não é alta. Existem talentos fenomenais no meu bairro que muitas vezes são

melhores que muitos artistas famosos, mas infelizmente eles não possuem uma oportunidade para demonstrar quem de fato são, seja pela falta de dinheiro, falta de apoio da própria família e até mesmo dos amigos.

**RP: Você é uma pessoa que tem o seu trabalho reconhecido pelo seu bairro, por meio da sua influência você tenta mostrar o quão difícil é ser um artista independente?**

**JB:** Com o passar dos anos, eu posso afirmar que qualquer tipo de música é cultura, mesmo ela tendo uma letra ou não, a partir mesmo de um instrumental, todas as partes da música transmitem alguma mensagem, saca? Por meio das músicas que eu ouço e que eu produzo, eu gosto de ver todos os meus ideais contidos nela. Por isso antes de gravar com qualquer pessoa eu peço a letra da música, para ver se tem algo que eu ache errado naquela letra,

e eu acredito que nas músicas que eu produzo, são passadas mensagens de bem, mensagens que tem bons valores e que mostrem o quão difícil é para um preto ser um artista e ainda mais sem muitos recursos. Fora outros valores que foram perdidos na nossa sociedade, muitas pessoas se esqueceram do amor e só pensam no capital, ou em ficar rico. Meu som é feito por amor, o dinheiro é outra história, acho que por meio do som, nós precisamos lembrar um pouco desses valores, para que haja uma maior harmonia, entre a nossa sociedade. Nós precisamos continuar passando mensagens positivas, mensagens que tragam respeito e amor ao próximo, seja ela por meio da letra ou até mesmo do instrumental, e com o meu trabalho eu tenho feito muito isso e infelizmente falar de amor, não é algo que atrai muito "hype".

**RP: Você tem projetos novos para serem lançados?**

**JB:** Então cara, eu sempre me achei muito diferente

dos outros produtores de rap, e para se destacar no meio, eu acho que nós temos que sair um pouco da mesmice, e nos meus "beats" eu procuro trazer algo diferente da maioria, e no momento que eu atingir meus recursos necessários eu pretendo lançar uma marca, pois no meu ver a melhor coisa que um produtor independente pode fazer é inovar, pensar "fora da caixinha". E a minha outra ideia, é explorar ritmos diferentes de música, não ficar apenas no Rap. Ritmos como o Rhythm and blues (R&B), Reggae, Trap e o Grime music, são algumas das minhas novas apostas para fazer parte da minha produção musical. E, além disso, eu pretendo achar muitos mais talentos e divulgar eles, pra que muitos novos nomes da música possam surgir, pois existem muitos **Manos Browns** e **Djongas** por aí, são muitos talentos que não tem a oportunidade de serem reconhecidos e eu busco dar uma oportunidade para esses artistas surgirem não só no meu bairro mas em toda a cidade

**“ Cara, são duas coisas que eu prego nessa minha caminhada do rap, a paz e a ajuda ao próximo. Todos nós precisamos de um pouco de luz, precisamos ter mais compreensão e respeito com o próximo, mais amizade, mais companheirismo.”**

## **Jhow Beatz**



**“ Os artistas como um todo devem se ajudar, as pessoas precisam de mais luz e amor”**



Foto: Unsplash

## **Brechós e Slow Fashion: Um novo olhar**

### **Alternativas sustentáveis ganham espaço no mercado da moda**

No século XIX, no Rio de Janeiro, via-se muitos mercadores ambulantes, os famosos mascates. Dentre todos, um se destacou: Chamava-se Belchior e ganhou notoriedade após estabelecer na capital carioca a primeira casa de compra e venda de roupas e objetos de segunda mão. A notoriedade foi tanta que, ainda hoje, o Dicionário Houaiss atribui o nome Belchior ao significado etimológico da palavra brechó. Para muitos, brechó é sinônimo de coisa velha. Em sua obra “Ideias do Canário”, de 1889, Machado de Assis reforça tal estereótipo: “Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior [...] A loja era escura, atulhada das cousas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio.” O que Machado de Assis não poderia prever é que os brechós se tornariam essenciais ao mercado da moda, criando vín-

culos sociais e de sustentabilidade. A indústria têxtil é atualmente um dos maiores motores econômicos do mundo, dado seu caráter identitário que faz com que as pessoas busquem na moda sua expressão perante a sociedade, como já defendia o sociólogo Georg Simmel em sua obra “Filosofia de Moda e Outros Escritos”. A filósofa e escritora Hélène Cixous também enfatiza que as roupas funcionam previamente



te como uma extensão do corpo do que apenas como escudo, indo em contra-mão à teorias sociológicas clássicas de autores como Thorstein Veblen e Pierre Bourdieu, que caracterizam a moda como uma mera diferenciação de classes. Entretanto, devemos repensar as formas pelas quais a moda nos é ofertada dentro do mercado. Um documento, apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP26) e elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e pela Convenção-Quadro das Nações Unidas

sobre a Mudança do Clima (Unfccc), afirma que o volume de produção de roupas dobrou nos primeiros 15 anos do século XXI e que a indústria da moda é responsável por entre 2% e 8% das emissões globais de carbono. Esses dados representam uma tendência de consumo desenfreado incentivado, principalmente, pelo conceito fast fashion (moda rápida, em português) que sur-

giu na década de 1990, com o barateamento da mão de obra e da matéria-prima. Esse conceito se popularizou visando a produção em massa de peças com aparência de alta costura e/ou obedecendo a tendência

da época, mas com baixo custo e pouca durabilidade. Atualmente, um grande exemplo disso é a varejista chinesa Shein. Os problemas ambientais que o fast fashion traz se tornaram evidentes, já que quanto menor a duração das peças mais rápida é a necessidade da recompra, aumentando não só o nível de produção têxtil, como também o descarte de

peças. Outro problema recorrente e importante a ser citado é a precarização da mão de obra e, muitas vezes, a mão de obra escrava, frequentemente utilizada por marcas que são adeptas ao fast fashion. Mas como os brechós entram nessa história? Ao exigirmos atenção aos impactos negativos da moda, criaram-se alternativas a este mercado rápido: O termo slow fashion (moda lenta, em português) foi utilizado em 2004 por Angela Murrills, uma escritora de moda da revista on-line Georgia Straight, e traz um novo olhar sobre a cultura da moda, prezando tanto pela conscientização dos consumidores quanto pela responsabilidade ambiental e social por parte da indústria. Busca-se, portanto, estratégias de redução de danos aos impactos causados ao longo dos anos e pretende se firmar ainda mais conforme eles passam. Os brechós vem ressignificando seu status dentro da moda, tomando o consumo consciente como propósito ao oferecerem peças de segunda mão como parte do mundo fashion, direcionando algo que seria descartado para um novo dono. Isso obedece a dois dos três R 's da sustentabilidade (Reduzir, reutilizar e reciclar), ao incentivar o reuso e, conseqüentemente, a redução de lixo têxtil.

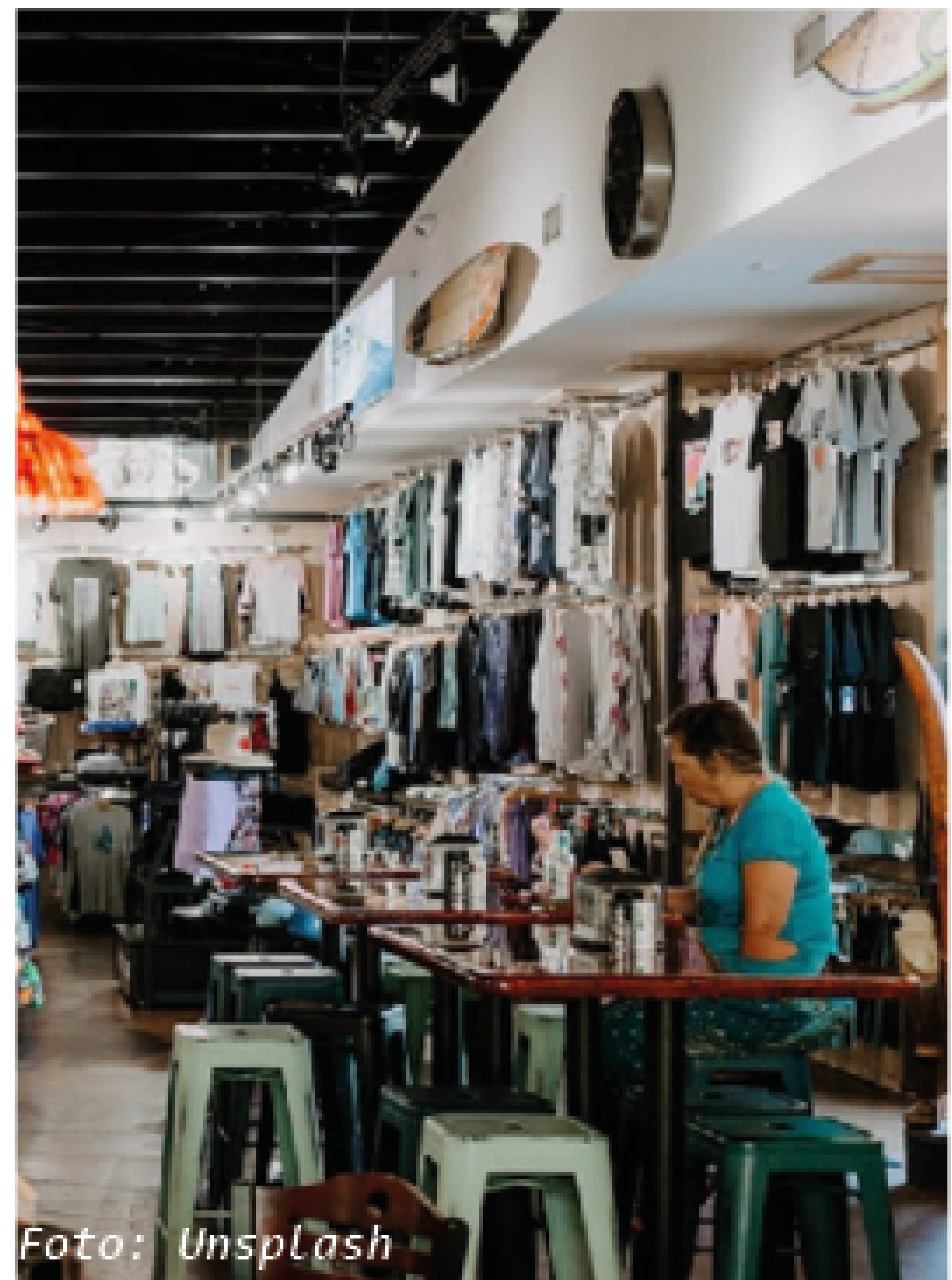


Foto: Unsplash

Ao caminharmos por São Paulo, podemos encontrar brechós dos mais diversos estilos. Eles atendem a diversidade cultural que a capital paulista carrega em sua essência, com peças para todos os gostos e que contribuem ao caráter singular e identitário da moda. Segundo o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), o número de lojas que vendem produtos de segunda mão teve um aumento de 48,5% no primeiro semestre de 2021 em relação ao mesmo período de 2020. E dada a importância dos brechós, esse número só tende a aumentar.



Por: Camilla Andrade,  
Camilly Vairo e Igor Uliana

## 5 Parques que você precisa conhecer em São Paulo

Conheça áreas verdes na selva de pedra

### 1 Parque Ibirapuera



#### Localização:

Av. Pedro Álvares Cabral  
Vila Mariana

#### Inauguração:

1954

#### Área:

1.584.000 m<sup>2</sup>

#### Funcionamento:

5h à 00h  
todos os dias

Entrada: Gratuita

#### Tipos de lazer:

MAM, Planetário, Oca,  
Museu Afro-brasileiro,  
Ibirabike, Ibiratour,  
Playground, Quadras  
esportivas,  
Restaurantes e  
Ciclovía.

#### Como chegar:

METRÔ  
Alto do Ipiranga  
linha 2 verde

## 2 Parque Villa-Lobos



### Localização:

Av. Prof. Fonseca  
Rodrigues, 2001  
Alto de Pinheiros

### Inauguração:

1994

### Área:

732.000 m<sup>2</sup>

### Funcionamento:

5h30 às 19h  
todos os dias

### Entrada:

Gratuita

### Tipos de lazer:

Área pet, Trilhas,  
Ciclovias,  
Pista de skate,  
Orquidário, Biblioteca,  
Playground, Quiosques,  
Quadras esportivas,  
Food Trucks e Espaço  
musical e a  
Árvore de Natal.

### Como chegar:

CPTM  
Villa Lobos-Jaguareé  
linha 9 esmeralda

## 3 Parque Ecológico do Tietê



### Localização:

Rodovia Parque, 8054  
Vila Santo Henrique

### Inauguração:

1982

### Área:

14.000.000 m<sup>2</sup>

### Funcionamento:

8h às 17h -  
segunda a sexta

### Entrada:

Gratuita

### Tipos de lazer:

Espaço de Eventos,  
Centro de Educação  
Ambiental,  
Ilha dos Macacos,  
Museu do Tietê,  
Pedalinho, Playground,  
Churrasqueira, Passeio de  
tremzinho e triciclos,  
Anfiteatro, Academias,  
Quadras esportivas,  
Ciclovia, Trilhas,  
Restaurantes

### Como chegar:

CPTM  
Engenheiro Goulart

## 4 Parque da Independência



**Localização:**  
Av. Nazaré, s/n -  
Ipiranga

**Inauguração:**  
1989

**Área:**  
161.300 m<sup>2</sup>

**Funcionamento:**  
5h às 20h -  
todos os dias

**Entrada:**  
Gratuita

**Tipos de lazer:**  
Pistas de skate,  
Ciclovias, Jardim  
Francês, Casa do grito,  
Monumento da  
Independência,  
Cripta Imperial e  
Museu do Ipiranga  
(com entrada gratuita  
até 6 de dezembro)

**Como chegar:**  
METRÔ  
Alto do Ipiranga  
linha 2 verde

## 5 Jardim Botânico



**Localização:**  
Av. Miguel Estefno, 3031  
Vila Água Funda

**Inauguração:**  
1938

**Área:**  
360.000 m<sup>2</sup>

**Funcionamento:**  
9h às 17h -  
terça à domingo e feriados

**Entrada:**  
Paga  
(entre R\$ 9,95 e R\$ 24,90)

**Tipos de lazer:**  
Viveiros,  
Gazebos floridos,  
Bosque das Imbuías,  
Jardim dos Sentidos,  
Lago dos Bugios

**Como chegar:**  
METRÔ  
Alto do Ipiranga  
linha 2 verde

**Por: Camilla Santos,  
Camilly Vairo  
e Igor Uliana**



imagem autoral

## **Como combinar uma cervejaria artesanal e um restaurante de defumação**

### **Conheça a cervejaria Van Been e o restaurante Freak's**

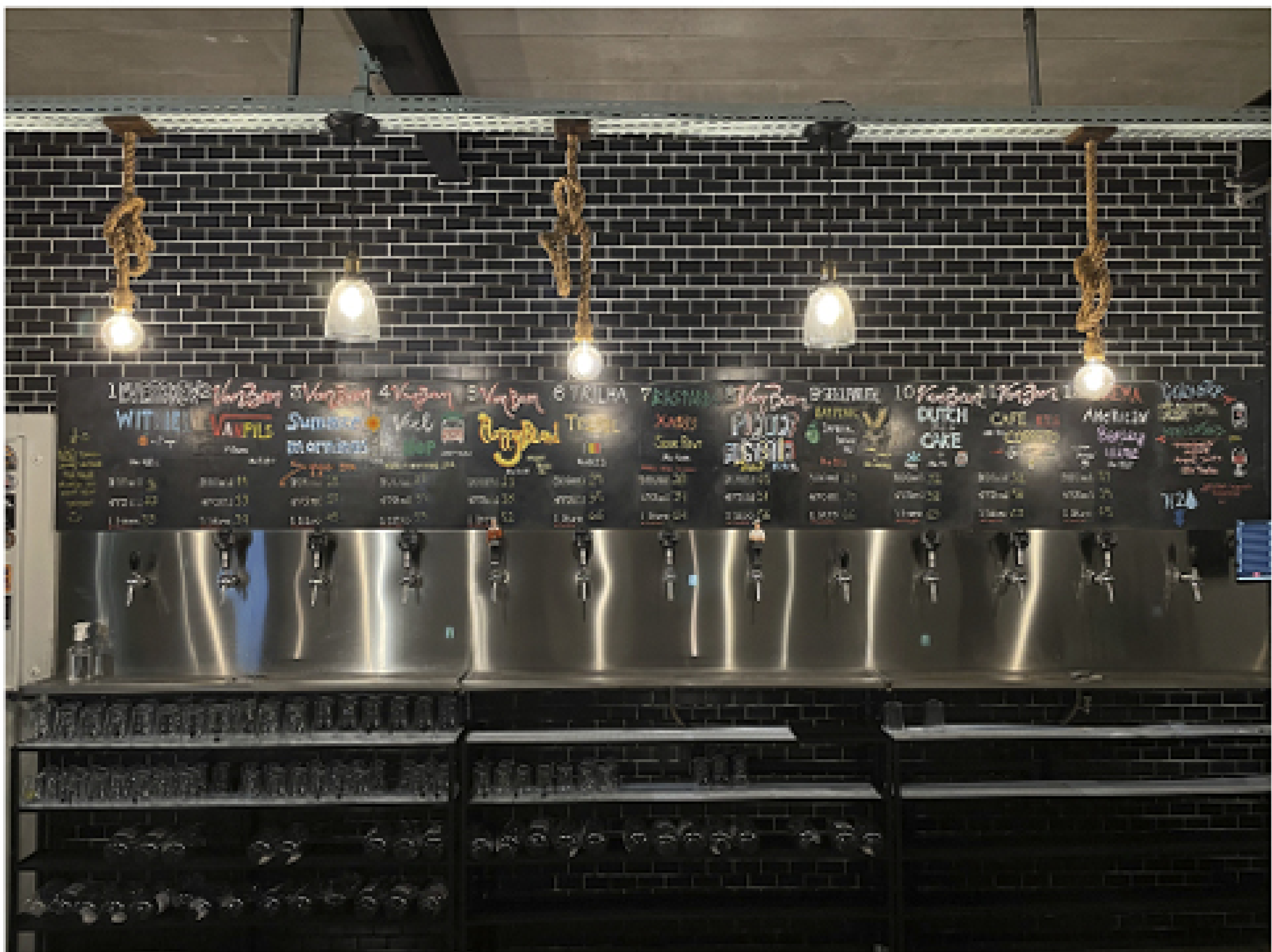
Que tal um lugar tranquilo e diversificado para descontrair da rotina cansativa de trabalho? A famosa Rua Joaquim Távora, em São Paulo, é a responsável por abrigar a dupla Freak's e Van Been. E, agora que nós já te demos esse spoiler, continue aqui com a gente para entender como funciona esse local. O endereço nada mais é do que o compartilhamento de um espaço para dois segmentos diferentes. Com ambiente 100% aberto, a porta de entrada é a Cervejaria Van Been, especializada em cervejas artesanais autorais de alta qualidade. São mais de 10 tipos da bebida e a forma despojada de servir torna o lugar ainda mais diferente. De pilsen a IPAs e RIS, a cervejaria oferece chopps de 300ml, 473ml e 1 litro, com preços variando entre R\$ 14 e R\$ 75. O gerente Gustavo Castro complementa que os chopps mais vendidos são os Juicy IPA e que outras cervejas convidadas também estão disponíveis no tap room.

Outro fato interessante da Van Been é que além de pet friendly, o local conta com cadeiras de praia, o que faz com que os consumidores tenham a sensação de descanso. É um ambiente para todos, sem restrições, mas com consumo de bebidas alcoólicas para maiores de 18 anos. Além das cervejas, a Van vende refrigerante, água e outras bebidas não alcoólicas.

Agora que você já tomou um chopp com a gente, é hora de fazer uma "boquinha" né?! O Freak 's é um

restaurante de lanches, especializado em defumação. Seu carro chefe é um lanche de cupim, servido em uma baguete crocante e acompanhado de vinagrete (opcional). Além disso, a casa conta com hambúrgueres e porções para petiscar.

O restaurante é considerado autoral, criativo e diferente pelo dono Marcos Ceneviva, que criou também a receita dos molhos caseiros oferecidos com os pratos. A média de preço é de R\$40,00 e o mais



legal vem agora. Assim como ambos dividem o mesmo local, é possível combinar os produtos. Em uma conversa com Marcos e Gustavo, conseguimos harmonizar duas cervejas com o lanche de cupim. Tanto a Blond Ale (mais amarga) quanto a Hop Lager (menos amarga) combinam muito bem com o tipo de lanche. Fica a critério do consumidor saber qual dessas agrada mais o paladar. Não perca tempo, vá conhecer esse espaço super bacana na cidade de São Paulo.

**Horário de funcionamento:**

**17h às 23h de quarta-feira a sexta-feira**

**13h às 23h aos sábados**

**13h às 19h aos domingos (apenas a Van Been)**

**Endereço:**

**Rua Joaquim Távora, 1039 | Vila Mariana, São Paulo -  
04015-002**



*Foto: Cervejaria Van Been  
(São Paulo, 2022)*





Foto: banco de imagens istockphoto

## **Dados mostram crescimento no número de casas com apenas um morador**

### **Jovem conta como é a vida de quem optou por morar sozinho**

Existem pessoas que estão interessadas em aprender línguas, tocar algum instrumento musical ou usar o fogão, muitas nascem com talento para cozinhar. Enquanto outras estão em processo de desenvolvimento de seus conhecimentos. Há quem queira aventurar-se na cozinha pela primeira vez. Um dos conselhos dos chefs aos iniciantes é praticar com leitura receitas completas. Usando esses métodos, você evitará erros comuns, como usar muito tempero, cozinhar demais um prato ou esquecer ingredientes importantes ao preparar um prato. Os jovens deixaram para lá a chamada "geração canguru" de lado para viver sua própria independência, ao tomarei a decisão de viverem sozinhos, vem consigo várias responsabilidades, é crucial preparar um prato para se manter vivo, e para isso muitos optam por cozinhar, afinal viver de delivery o tempo todo se tornará inviável a curto prazo. É por isso que muitos se aventuraram na cozinha. Para ficar mais claro nossas

informações tivemos acesso a pesquisa recente que diz que cresceu o número de casas com moradores solo, em 2012 o número de residências que continha um único morador era de 7,5 milhões, agora mais recente em 2021 o IBGE trouxe a informação de que o número aumentou para 43,7%.

Luciano Batista veio para São Paulo estudar, não é porque ele veio para cá morar com o primo Ewerton Santiago que não teve que aprender a fazer suas próprias iguarias, por conta do auge da pandemia., Ewerton não parava em casa, diferente do Luciano Batista, o isolamento impossibilitou dele ir estudar presencialmente, fazendo com que fosse tudo de casa, com isso sobrou tempo livre, então decidiu utilizar esse tempo para aprimorar suas habilidades gastronômicas, e claro com ajuda de um aliado, o livro de receitas da vó, tem coisa melhor do que isso?

**Revista Paulistana: Por que você começou a cozinhar?**

**Luciano:** Depois que eu me vi sozinho em São Paulo, tive que me virar e dar um jeito para tudo um pouco, foi aí que eu comecei a seguir alguns perfis de redes sociais que fazem comida. Não sabia que seria importante, esse negócio de cozinhar, mas quando eu tive que cozinhar pensei, nossa e agora, o que eu faço, foi aí que eu vi que viver de delivery não seria uma opção, e sim fazer a minha própria comida, ao invés de pedir uma já pronta.

**RP: Quais foram seus pontos fortes e fracos?**

**L:** Foi quando eu me vi sem saber o nome dos utensílios de dentro da cozinha, foi ter aprendido rápido, talvez tenha sido por ter se dedicado.

**RP: Qual é a sua maior conquista?**

**L:** Foi uma grande conquista, saber o nome dos utensílios da cozinha, fazer medições na hora de cada receita, afinal foram eles que eu mais errava no início. Principalmente na hora de fazer uma receita grandes de porções.

**Por: Otávio Nelli**



# **5G A nova tecnologia**

## **Como funciona e onde está disponível**

A capital Paulista recebeu no dia 4 de agosto de 2022 o que seria a nova geração de internet móvel em seu território, o 5G que é a quinta geração de internet móvel disponível no mercado, essa tecnologia promete ser até 8 vezes mais rápida que a sua antecessora, o 4G. Por ter um alcance e velocidade maiores que os antecessores, o 5G permite que seu usuário tenha uma navegação mais estável, eficiente e rápida permitindo que mais usuários usem simultaneamente a rede sem a perda de dados e qualidade . De acordo com o especialista da área Deucrecio Turolla Junior, "O 5G vai proporcionar o funcionamento de veículos autônomos, vai potencializar a internet das coisas, vai possibilitar um melhor desempenho em escolas, hospitais, empresas e sistemas de pagamento." informou o empresário. Em São Paulo a Anatel informou que seriam necessárias mais 462 estações ativas, porém houve um pedido de quase o triplo pelo município Paulistano para licenciamento da faixa.

De acordo com a prefeitura seriam necessárias mais 1.378 estações para a cobertura de toda a capital paulistana, atualmente a maior concentração de estações ativas se encontram em bairros nobres, como Itaim Bibi e Av. Paulista, mas já estão sendo ativas em outros bairros, atualmente os bairros paulistas que já possuem a rede são:

**Água Branca**  
**Bela Vista**  
**Brooklin Novo**  
**Brooklin Paulista**  
**Butantã**  
**Cerqueira César**  
**Chácara Monte Alegre**  
**Chácara Santo Antônio**  
**Cidade Jardim**  
**Cidade Mãe do Céu**  
**Cidade Monções**  
**Consolação**  
**Higienópolis**  
**Indianópolis**  
**Jardim América**  
**Jardim Ampliação**  
**Jardim Anália Franco**  
**Jardim Caboré**  
**Jardim das Acácias**  
**Jardim dos Estados**  
**Jardim Europa**  
**Jardim Londrina,**  
**Jardim Paulista**  
**Jardim Paulistano**  
**Jardim Petrópolis**  
**Moema**

**Morumbi**  
**Paraíso**  
**Paraíso do Morumbi**  
**Paraisópolis**  
**Parque São Jorge**  
**Pinheiros**  
**Planalto Paulista**  
**Santa Cecília**  
**Santo Amaro**  
**Sumarezinho**  
**Tatuapé**  
**Vila Nova**  
**Conceição**  
**Vila Andrade**  
**Vila Carrão**  
**Vila Clementino**  
**Vila Cordeiro**  
**Vila Gomes Cardim**  
**Vila Invernada**  
**Vila Mariana**  
**Vila Nova Conceição**  
**Vila Olímpia**  
**Vila Romana**  
**Vila Suzana**  
**Vila Tramontano**  
**Vila Uberabinha**

A demora na implantação da nova rede em bairros mais afastados tem uma explicação de acordo com Turolla “A falta de investimento em tecnologia e a pandemia que derrubou os mercados mundiais produtores de componentes tem sido um grande entrave no avanço do 5G no Brasil, fazendo com que os cabeamentos fiquem mais caros e a distribuição mais difícil.”

Um dos problemas que a rede 5G pode causar, vem do fato de que estão sendo usadas as antenas já existentes, o que faz com que a velocidade da Internet ser mais devagar do que deveria já que está sendo usado o cabeamento da conexão 4G, com isso a potência não chega à totalidade ideal que a Internet 5G poderia oferecer

Outro problema que pode causar, vem do fato da nova tecnologia não dar suporte em todos celulares e aparelhos eletrônicos com acesso à internet os tornando obsoletos com o

tempo, então se por exemplo você possuir um Iphone XR terá que trocar de aparelho se quiser usar o 5G, pois ele não tem suporte, obrigando o consumidor a trocar os seus celulares pois ficarão obsoletos e nem todos da população tem poder aquisitivo para a fazer a troca, tornando assim essa nova tecnologia reclusa a apenas uma parte da população Paulista o especialista fala que “A rede 5G não terá disponibilidade igual pela cidade e exigirá a troca de alguns aparelhos, um custo que nem todos poderão superar.”

Ele ressalta que

“Isso causará uma disparidade entre os acessos dos mais necessitados a rede, sendo bem mais demorado. Talvez a criação de pontos comunitários de acesso possa amenizar o problema.”

As operadoras de internet que estão disponibilizando a internet 5G são a Claro, Tim e Vivo, em média os preços de internet variam entre R\$75,00 e pode chegar em torno de R\$130,00 dependendo do plano que você escolher.

Nós da Paulistana fizemos uma tabela mostrando as principais diferenças entre elas, lembrando que 1000MBPS equivale a 1GBPS, que seria a velocidade em que a banda processa informações.

<b>INTERNET</b>	<b>4G</b>	<b>5G</b>
<b>VELOCIDADE DA INTERNET</b>	<b>100 MBPS</b>	<b>10 GBPS</b>
<b>DURAÇÃO DE DOWNLOAD</b>	<b>35 MINUTOS</b>	<b>21 SEGUNDOS</b>
<b>JOGO DE 32G TEMPO DE DOWNLOAD</b>	<b>18 HORAS</b>	<b>11,2 MINUTOS</b>
<b>MÚSICA DE 40MB TEMPO DE DOWNLOAD</b>	<b>17 SEGUNDOS</b>	<b>0,5 SEGUNDOS</b>

Por: Otávio Nelli



# Taça das Favelas

**Oportunidade para jovens da periferia mostrarem seu futebol**

A Taça das Favelas é um campeonato de futebol criado em 2012, no Rio de Janeiro, pela Central Única das Favelas (CUFA) e produzido pela inFavela, empresa da favela Hoolding. O campeonato teve a sua primeira edição no Rio de Janeiro no mesmo ano, atualmente a taça das favelas é o maior campeonato entre favelas do mundo tendo duas modalidades, a masculina e feminina. O Rio de Janeiro já tem integrado mais de 240 favelas impactando positivamente mais de 96 mil jovens da periferia. Em 2019 o campeonato chegou aqui em São Paulo, no primeiro ano já contou com milhares de favelas participantes, colocando na sua final 40 mil pessoas no Pacaembu, essas finais vencidas pelo Complexo Casa Verde pelo futebol masculino e Parque Santo Antônio pelo feminino. Uma das maiores revelações foi o volante Patrick de Paula jogou a Taça das Favelas Rio pelo Complexo Santa Margarida, foi revelado e se profissionalizou no Palmeiras, onde fez o gol do título do Paulista de 2020

na disputa de pênaltis, contra o Corinthians. Ele jogou a edição carioca do maior campeonato de futebol entre favelas do mundo nos anos de 2015, 2016 e 2017. Contudo a taça das favelas não tem como objetivo apenas o futebol, e sim um fator de integração social, a organização do campeonato oferece, antes do início dos jogos, em todos os estados que recebem o evento, workshops sociais para jogadores e técnicos, que vão desde cuidado com a alimentação até educação financeira.

E nesse cenário que é criado o time da Pedreira, um time de várzea que tem com o objetivo tanto social como profissional de levar meninos da periferia no campeonato e realizar sonhos, o time é comandado por Marcos Yamada ele conta para nós como é comandar um time que representa um bairro periférico da Zona Sul com mais de 450 mil habitantes, e como ele pode mudar a realidade de jovens que tem como sonho ser jogador de

futebol

“Ao mesmo tempo que é fácil falar é difícil, para chegar na conclusão de 30 atletas, ficaram vários no caminho e o processo é muito difícil afinal temos que olhar o jovem e saber que ali tem um sonho”.

Ele fala também da dificuldade de como é a peneira do futebol, e de como pode ser cruel saber que você vai deixar de fora um sonho.

“Pelo fato de você pegar um jovem que ali é sonho, muitos dos participantes são meus alunos da escola, afinal eu sou o professor de Educação Física, e fiquei pensando na recepção na segunda-feira, porque muitos poderiam pensar que por serem meus alunos poderiam ter alguma vantagem, mas infelizmente não dá, afinal é um trabalho sério, tem toda uma questão de representatividade de pessoas afinal estamos levando o nome de uma equipe e de um bairro para um campeonato importante”.

Outra dificuldade que eles encontram, é o ajuste de horários para os treinos,



afinal não se pode tirar as crianças da escola, muitas delas estudam em horários diferentes e é feita toda uma adaptação de horário.

“Nós temos jovens que estudam a tarde, jovem que estudam de manhã e de noite, então tivemos que revezar os treinos entre horários, e como o evento é muito grande, são 96 times que jogam todo final de semana, tem toda uma preparação física e mental para que o jovem consiga dar o melhor de si, além disso tem a responsabilidade de ser professor e tirar o jovem da sua comunidade e levar para a outra em segurança, nós sabemos a responsabilidade grande, que nós temos e tomamos muito cuidado com o jovem, em relação de comunicação e comportamento, sem falar que tem o depósito de confiança dos pais e mães dos atletas em nós como professores.”

Outra dificuldade encontrada, é a monetária, afinal o Pedreira não é um bairro rico e muitos alunos não têm dinheiro para equipamentos para participar, afinal muitos

alunos não têm dinheiro para equipamentos para participar, afinal muitos deles não tem chuteira e nem caneleira o que dificulta a participação do esporte.

“Basicamente todo o material que utilizamos são de doações dos moradores, mães e pais que estão conosco tentando trazer o melhor para esses garotos, o trabalho social que fazemos é sério, apesar de tudo estamos fazendo o melhor para tirar esses garotos da rua.”

“Apesar de todas essas dificuldades, eu tive uma conversa com os garotos no meio do campo e falei que podemos colocar sim o nosso nome positivamente no mapa, a Pedreira não é só um bairro com cemitério clandestino e assalto, aqui temos reais prodígios, sejam vocês no futebol, música, estudo ou teatro, nós não estamos querendo fazer, nós VAMOS fazer a pedreira entrar no mapa.”

Esse ano o torneio teve início em 4 de setembro, a final aconteceu no dia 8 de outubro na Arena Barueri. No feminino a equipe vencedora foi a de Paraisópolis que venceu o Campanário por 1 x 0. Já no masculino o título ficou com Jardim Ibirapuera que derrotou o São Bernardo em decisão por pênaltis, algo que nunca tinha acontecido.



**Meninas da equipe Paraisópolis agradecendo pelo título.  
Foto: Wellington Nascimento  
(Agência Mural)**



**Jogador do Jardim Ibirapuera levantando o troféu de campeão.  
Foto: Wellington Nascimento  
(Agência Mural)**

Por: Lala Evan

# Simplemente JÔ SOARES

## Nosso eterno paulistano da gema

A marca registrada de Jô Soares, do nosso paulistano de alma era o bordão de encerramento dos programas com o gesto e a frase 'Beijo gordo'. Carioca, o humorista e apresentador fincou os pés em São Paulo e ficou até sua partida nos deixando um grande legado.

Morava em São Paulo, no bairro de Higienópolis, num apartamento de dois andares, um para sua moradia e outro para escritório, conectados por um elevador a vácuo. Ele se considerava uma pessoa mística, acreditava num outro plano de existência e era devoto de Santa Rita de Cássia. O nosso JÔ em várias faces, o comediante, escritor, apresentador, one man show, ator, diretor de teatro e por fim pelo menos aqui o pintor. E no Bar Balcão, Rua Melo Alves, 150, Jardim Paulista, você vai se deparar com uma de suas artes.



A bancada sinuosa antes da pandemia:  
25 metros Heudes Régis/Veja SP

Sua obra repousa, desde 1994, em uma das paredes. Através da sua profissão, ele tinha a oportunidade de levar alegria,



conhecimento e reflexões para as outras pessoas. E foi justamente quando fez o seu ofício com excelência, que ele mais marcou outras vidas.

## **Personagens, talentos e livros**

Jô deu vida a mais de 200 personagens, como o Capitão Gay e a cantora Norminha, marcando bordões como “vai para casa Padilha”, “não me comprometa” e “macaco tá certo”. Lançou cinco romances policiais, “O Xangô de Baker Street”, de 1995, “O Homem que Matou Getúlio Vargas”, de 1998, “Assassinato na Academia das Letras”, de 2005, e “As Esganadas”, de 2011, além de uma autobiografia em dois volumes. E em 5 de Agosto de 2022, acordamos mais tristes, perdemos um grande brasileiro.

.Nosso Jô que marcou gerações, um gênio do humor e da arte brasileira. Segundo Ricardo Nunes, prefeito da cidade de São Paulo, após decretar luto oficial, “Perdemos todos, nós brasileiros, um dos mais talentosos artistas do Brasil. ...Fará muita falta, é inegável, mas a sua obra permanecerá e continuará inspirando os artistas que virão.

"O medo da morte é um sentimento inútil: você vai morrer mesmo, não adianta ficar com medo. Eu tenho medo de não ser produtivo". Jô Soares

Por: Lala Evan

# **SILENCIOSAMENTE PERDEMOS NO MESMO DIA GAL COSTA E ROLANDO BOLDRIN**

## **Exemplos da Longevidade produtiva**

Na manhã do dia nove de novembro de 2022, recebemos a notícia de que a musa e cantora Gal Costa havia nos deixado. Um pouco mais tarde foi anunciada pela TV Cultura mais uma partida, a do ator, cantor, compositor e apresentador Rolando Boldrin.

## **Meu nome é GAL**

Considerada o cristal da música brasileira, divina, maravilhosa, profana e estratosférica. A primeira vez que ela veio à São Paulo foi na década de 1960, quando se mudou para a cidade com o objetivo de se tornar cantora. Gal morou em uma quitinete na Avenida São João, no centro. Retornou definitivamente em 2013, desta vez morando nos Jardins onde gostava de passear pelos corredores dos shoppings Iguatemi e Higienópolis,

ir a padarias naturebas, frequentar restaurantes badalados como o Spot. Em suma virou uma legítima baiana paulistana, chegou a comentar em uma de suas entrevistas.

"Eu estava vivendo em Salvador, mas São Paulo tem uma coisa séria com que me identifico".

Em conversa com a Vejinha em novembro de 2015, então com 70 anos, ela afirmou que se sentia jovem e confidenciou o desejo de viver centenas de anos para fazer tudo o que gostaria. "Quem disse que tenho 70? Eu me sinto jovem. Assim como Caetano, acho que não envelheci. Deveríamos viver uns 350 anos. Ainda há muito que fazer", falou. Na ocasião, a artista havia lançado há pouco o álbum Estratosférica.



## Multiartista

**Boldrin** tinha certeza que ia ser artista e seu destino era São Paulo, a capital. Com 16 anos resolveu seguir seu instinto. Iniciou sua carreira como ator em telenovelas, e em 1968 mostrou que não tinha esquecido a música que fazia parte de sua infância, e decide participar do Festival Internacional da Canção, ficando entre os finalistas da fase paulista do festival, muito aplaudido com a música "Onde anda Iolanda", de sua composição, e ao longo de sua carreira, compôs muitas outras músicas belíssimas.

" É que a viola fala alto no meu peito humano  
E toda moda é um remédio  
pros meus desenganos  
É que a viola fala alto no meu peito humano  
E toda mágoa é um mistério fora deste plano"

Vide Vida Marvada - Rolando Boldrin

Desde 1981, passa a ser apresentador de televisão, criando um programa musical diferente, o Som Brasil, encerrando sua jornada com este trabalho na TV Cultura, onde dirigia e apresentava. Muitas vezes ele abria declamando poesias caboclas, cantava composições suas e de outros, contava causos, tocava viola e violão

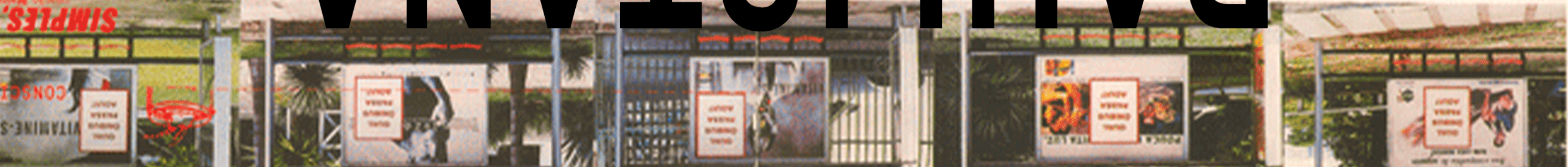
Dois seres humanos únicos e, cumpriram lindamente sua missão na terra, não há nem haverá – infelizmente – nada próximo nem parecido com o que faziam, marcando perpetuamente nossas memórias



# PAULISTANA



# PAULISTANA



# PAUSANA

